



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO - PPJ

MARIA LAURA DE LUNA LUCENA

SUPORTE INFORMACIONAL (APLICATIVO) DE APOIO AOS
USUÁRIOS DE CRACK, DEPENDENTES E CODEPENDENTES:
PROJETO HOPE

João Pessoa, 2020

MARIA LAURA DE LUNA LUCENA

**SUPORTE INFORMACIONAL E APOIO AOS USUÁRIOS DE CRACK,
DEPENDENTES E CODEPENDENTES: PROJETO HOPE**

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo – PPJ, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em jornalismo profissional. Área de concentração: produção jornalística, linha de pesquisa processos, práticas e produtos.

Orientador: Professor Doutor Guido Lemos.

Co-orientadora: Professora Doutora Joana
Belarmino

João Pessoa, 2020

Nome: Maria Laura de Luna Lucena

**Título: Suporte informacional e apoio aos usuários de crack, dependentes e codependentes:
PROJETO HOPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em em Jornalismo – PPJ, da
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em
jornalismo profissional. Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Guido Lemos – UFPB (co-orientador)

Prof. Doutora Silvana Maciel – UFPB (Examinadora)

Prof. Doutor Fernando Firmino – UFPB (Examinador)

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Central

L935s Lucena, Maria Laura de Luna.

Suporte informacional (aplicativo) de apoio aos usuários de crack, dependentes e codependentes : projeto hope / Maria Laura de Luna Lucena. - João Pessoa, 2020.

59 f. : il.

Orientação: Guido Lemos.

Coorientação: Joana Belarmino.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo de serviço. 2. Projeto hope. 3. Aplicativos (Apps) - Usuários de crack. 4. Jornalismo digital. I. Lemos, Guido. II. Belarmino, Joana. III. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-
15/746

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos dependentes e codependentes de drogas ilícitas, com os quais tive e tenho ainda a oportunidade de conviver e aprender e para os quais esse produto está sendo elaborado. E também à toda equipe de execução do Hope, incluindo os professores Guido Lemos e Raoni Kuleska e aos alunos: desenvolvedores, voluntários e parceiros, sem os quais essa jornada seria impossível, uma vez que essa jornalista que vos fala jamais seria capaz de dominar a tecnologia desta maneira. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Interessante como sempre pensei nesta parte do trabalho. Por vezes me peguei pensando quem entraria nessa lista. Quando estava cansada ou desanimada achando que a rotina era pesada demais para suportar e que seria difícil continuar, pensava nos agradecimentos que mais cedo ou mais tarde pararia para escrever. E não há como não começar por Deus, o criador de todas as coisas e o meu sustento, inclusive nos dias mais difíceis.

Meu marido e meu filho, que são minha vida e sem os quais talvez eu nem tivesse ânimo ou motivo para seguir tentando ser uma pessoa melhor, e isso inclui o ser pesquisadora. Rogério, na verdade, me fez conhecer o mundo marginal da dependência química, me tornou codependente e me motivou a trabalhar com o tema também na academia. Preciso agradecer tudo que passei ao lado dele, mesmo os momentos de aflição e desassossego, pois eles também me fortaleceram e motivaram de alguma maneira.

Meus pais, que são ouro de mina como diz o poeta, que me amam, me apoiam e se orgulham de cada passo que eu dou. Meus irmãos, que são incríveis, inteligentes e inspiradores. Rebecca Luna, obrigada por me ajudar até nas normas da ABNT. Parentes e amigos também entram nessa lista, apesar de não serem nomeados particularmente.

Meus orientadores professores doutores (as) Joana Belarmino e Guido Lemos, referências em suas respectivas áreas e que apesar de todas as demandas sempre dispuseram de tempo e atenção para comigo. Gratidão e admiração definem o meu sentimentos por esses seres humanos e profissionais brilhantes. Centro de Informática (CI), Centro de Comunicação, Turismo e Arte (CCTA), Programa de Pós- graduação em Jornalismo (PPJ) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), obrigada por terem me proporcionado momentos de reflexão e aprendizagem e por ser esse espaço transformador. Aos meus colegas de turma, os melhores, sem vocês a caminhada no programa teria sido mais difícil.

Preciso agradecer especialmente a equipe de voluntários do HOPE que desde o início trabalharam incansavelmente para transformar cuidado e esperança, como o próprio nome sugere, em aplicativo. Vocês são demais. O criativo Lucas que pensou em uma arquitetura que atendeu perfeitamente às necessidades do produto. E Professor Raoni Kuleska que também adotou essa ‘criança’, contribuindo de maneira especial na elaboração do aplicativo e na orientação dos

voluntários, junto ao professor Guido Lemos. Dentro desse mesmo centro estendo meu agradecimento à Manuella Aschoff, que deu um suporte especial durante todo o processo.

Professora Zulmira Nóbrega, coordenadora do programa, obrigada por existir. E aos demais professores do programa que nos emprestaram tempo e sabedoria, obrigada.

RESUMO: Esse trabalho resulta na criação de um aplicativo com conteúdo referente ao uso de crack, droga ilícita subproduto da cocaína. A aplicação além de facilitar a comunicação e a interação entre os grupos de pessoas que de alguma maneira precisam lidar com a dependência do crack, é também produtor e curador de informações relevantes sobre o tema, prestando um serviço importante à sociedade, que ainda tem dificuldade em tratar do assunto de forma clara e sem preconceito. Existe também uma importante função pedagógica envolvida no processo, já que o aplicativo foi produzido e será mantido por equipe formada por estudantes da área da tecnologia bem como da comunicação. Deste modo, o relatório traz apontamentos sobre a dependência química, com uso e abuso do crack tratados por Laranjeira (2010, 2012, 2014) e Oliveira e Correia e a codependência por Melody (2017). Perpassa pelo jornalismo digital e suas nuances através da abordagem clássica de Castells (colocar data); a importante contribuição de Silva (2008) tratando a mobilidade do jornalismo e ainda o conceito de redes digitais de Recuero (2009; 2012). O jornalismo de serviço foi referendado pelos autores Marques de Melo (2013), Vaz (2009) e Seixas (2013). Posteriormente tratou-se a metodologia que, além da revisão bibliográfica referendada acima, trabalhou-se a revisão documental e a entrevista semiestruturada.

PALAVRAS-CHAVE: Usuários de Crack; jornalismo de Serviço, Projeto Hope; Aplicativo

ABSTRACT: This work results in the creation of an app with content regarding the use of crack cocaine by-product illicit drug. In addition to facilitating communication and interaction between groups of people who somehow need to deal with crack addiction, the application is also a producer and curator of relevant information on the topic, providing an important service to society, which still has difficulty. to deal with the matter clearly and without prejudice. There is also an important pedagogical function involved in the process, as the application has been produced and will be maintained by a team of students from technology as well as communication. Thus, the report brings notes on chemical dependence, crack use and abuse treated by Laranjeira (2010, 2012, 2014) and Oliveira e Correia and codependency by Melody (2017). It permeates digital journalism and its nuances through Castells' classic approach (put date); the important contribution of Silva (2008) dealing with the mobility of journalism and also the concept of digital networks of Recuero (2009; 2012). Service journalism was endorsed by authors Marques de Melo (2013), Vaz (2009) and Seixas (2013). Subsequently, it was the methodology that, in addition to the bibliographic review referenced above, worked the documentary review and the semi-structured interview.

KEY-WORDS: crack; journalism; Hope Project; App

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - Jornalismo Digital, Serviços e Ativismo Digital.....	12
1.1 O jornalismo digital (multiplataforma).....	12
1.2 Gêneros jornalísticos e jornalismo de serviços	15
1.3 Jornalismo e ativismo digital	17
CAPÍTULO 2- Produto: etapas da construção do produto.....	19
2.1 A escolha do produto.....	19
2.2 Caminho metodológico	22
2.3 A logística do espaço e parceria com o LAVID.....	23
2.4. Arquitetura do aplicativo: Telas e navegação do Hope.....	25
CAPÍTULO 3-Objeto:Dependência, codependência e seus aspectos históricos contextuais.	32
3.1. A evolução dos temas ao longo do tempo.....	32
3.2. Intervenções Sociais: Breve explanação sobre políticas públicas e ações combativas.....	38
3.3. O tema na Paraíba: dados e ações combativas à nível local.....	43
CAPÍTULO 4- Principais estudos científicos sobre a dependência do crack	45
4.1 Representações Sociais de Dependentes Químicos Acerca do Crack, do usuário de Drogas e do Tratamento.....	45
4.2 A Cracolândia Muito Além do Crack.....	46
4.3 Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex- usuários.....	46
4.4 As Mulheres no Fenômeno das Drogas: Representações Sociais de Usuárias de Crack.....	47
4.5 Da Pessoa que Recai à Pessoa que se Levanta: A Recursividade dos que Usam Crack.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXO.....	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central a dependência e a codependência do crack, a ser tratada através do jornalismo digital e do jornalismo de serviço. O documento em questão é um relatório de um produto elaborado durante o mestrado profissional em jornalismo do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Trata-se de um relato sobre o processo de idealização e desenvolvimento de um aplicativo para smartphones, IOS e Android, que reúne rede social e informação através de amplo e versátil conteúdo que trabalhará a dependência e a codependência do crack.

Nesse sentido o documento foi elaborado em quatro capítulos sendo o primeiro referente ao jornalismo digital como sendo um recurso relativamente acessível e que oferece espaço para o encontro e a interação entre os pares. O jornalismo de serviço, como importante gênero jornalístico com foco no social, é abordado neste primeiro capítulo que trata também do ativismo digital e de como a internet e os meios digitais têm sido importantes espaços de convergência, como colocou Henry Jenkins (2009) quando afirmou que “as mídias tradicionais são passivas. As mídias atuais, participativas e interativas”.

No segundo capítulo apresenta-se o percurso metodológico, que passou por revisão bibliográfica e documental, onde na oportunidade foram acessados livros, matérias e entrevistas exibidas em canais de televisão e internet. Houve também a utilização de entrevista semiestruturada aplicada para dependentes e codependentes com a finalidade de levantar as principais dúvidas e questionamentos destes grupos em relação à dependência química e seus processos. Filmes e documentários também foram extremamente necessários para a compreensão do tema. Entrevista semiestruturada e os relatos semanais proporcionados pela convivência com codependentes, através de grupo de ajuda mútua, também são pontuais para a compreensão do objeto estudado.

Aqui está posto também o relato de todo o processo de produção do aplicativo. Primeiros encontros, seleção dos voluntários, brainstorms e o passo a passo da elaboração e criação do produto que culminará no resultado final dessa pesquisa, já que a equipe segue trabalhando no Hope.

Cabe ao terceiro capítulo tratar do tema que norteia o projeto: a dependência e a codependência em relação à droga ilícita subproduto da cocaína, o crack. Políticas de

enfrentamento e combate ao uso e abuso no Brasil e também na Paraíba são tratados no capítulo que traz um breve histórico desses dois grupos. Dentro desse contexto, com a finalidade de compreender melhor o entorno dessa dependência, no capítulo quatro são apresentados alguns importantes estudos que envolvem o contexto sócio-político do usuário.

Sendo assim, o objetivo principal deste projeto de mestrado é colaborar para a transformação da realidade dos dependentes químicos usuários de crack e seus codependentes, com a criação de um produto que visa prestar uma ajuda síncrona, sendo um elo entre os que precisam de ajuda e os que podem ajudar. O aplicativo terá também função informativa - com linguagem direta, atual e dinâmica- e oferecerá ao leitor conteúdo esclarecedor sobre o tema, além de apresentar casos de sucesso, disponibilizar espaço para interação e esclarecimento de dúvidas bem como contatos de clínicas, centros de atendimento, grupos de apoio entre outros que serão detalhados no devido capítulo.

É relevante reforçar que não é interesse desse projeto de pesquisa abordar, a priori, outras drogas além do crack, e sim prestar um serviço aos que já se encontram no processo de dependência dessa droga, aos que estão lutando para se livrar do uso e/ou abuso, dependentes e demais interessados no tema. Sabe-se também que o número de usuários dependentes de crack é pequeno se comparado ao número de dependentes de outras substâncias lícitas e também ilícitas, a exemplo do álcool e da maconha. Um estudo brasileiro recente fez uma estimativa de usuários de crack regulares e/ou similares em 370 mil pessoas, o que corresponde a 35% dos consumidores de drogas nas capitais do país (BASTOS; BERTONI, 2014). A problemática em questão é o alto poder de destruição físico e psicossocial que essa droga provoca e como essas consequências têm cada vez mais impactado a sociedade.

O Hope nasce da vontade de contribuir para a mudança de realidade de dependentes químicos como também auxiliar seus parentes e familiares e por mais utópica que seja a possibilidade de uma sociedade sem droga, o fato de poder colaborar com essa, que é a causa de tanto sofrimento e dor, de alguma maneira já nos impulsiona e motiva.

CAPÍTULO 1. - Jornalismo Digital, Serviços e Ativismo Digital

1.1 O jornalismo Digital

O jornalismo vem passando por um processo constante de mudanças, principalmente nos últimos trinta anos, com o surgimento e consolidação do digital. A perda do monopólio da informação por parte dos jornalistas, os novos modelos de negócios e as novas estruturas de redação, tanto física quanto organizacional são apenas alguns exemplos. A tecnologia transformou o espectador, aquele que apenas recebia a notícia, no que Sodré (2002) chama de ‘homem-mídia’, já que agora também é fonte emissora. Com um tablet ou smartphone conectado à rede mundial de computadores o espectador pode participar do processo de produção da notícia e, inclusive, participar da distribuição da mesma.

Cabe colocar que não foi apenas nas últimas décadas que o jornalismo se valeu da tecnologia. Para alcançar as massas de audiência, produzir e disseminar notícias, desde os primeiros jornais europeus, do século XVII, foi preciso contar com o apoio tecnológico. Na história da comunicação, segundo Deuze (2006), o século XIX é responsável pelo surgimento, crescimento e solidificação da imprensa escrita, estando o século XX ligado à radiotelevisão, e o século atual às mídias digitais (sem fios).

Importante lembrar que esse acesso ainda está, de certa maneira, restrito, já que 39% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, o que significa mais de um terço da população, segundo pesquisa divulgada em 2018. São 27 milhões de domicílios desconectados (IBGE, 2018). Ainda assim os conectados são muitos.

Mas para tratar o jornalismo digital, os estudiosos acharam por bem tentar conceituá-lo. Para o português Canavilhas (1999), o conceito de jornalismo está diretamente ligado ao veículo onde é trabalhado, havendo assim o radiojornalismo, o telejornalismo e o jornalismo impresso, sendo a mesma linha de raciocínio utilizada para o jornalismo existente na web. Mielniczuk (2011) afirma não haver consenso sobre a terminologia utilizada pelo jornalismo praticado na internet ou por meio desta, e coloca:

Em linhas gerais, observa-se que autores norte-americanos utilizam o termo jornalismo online ou jornalismo digital, já os autores espanhóis preferem o termo jornalismo eletrônico. Também são utilizadas as nomenclaturas jornalismo multimídia ou ciberjornalismo. De forma genérica, pode-se dizer que autores

brasileiros, seguem os norte-americanos, utilizando com maior frequência o termo jornalismo online ou jornalismo digital. (MIELNICZUK, 2011, p. 1 -2)

Machado (2000)*apud* Mielniczuk (2001), diz que o termo digital também representa melhor o suporte, diferente do termo online, que além de ser mais específico faz referência apenas a uma característica do meio sem contemplar todas as características do que chama “nova realidade”.

Terminologias à parte, para ocupar o lugar em que se encontra hoje, o jornalismo digital precisou passar por etapas que iniciaram com a reprodução dos conteúdos que eram produzidos no impresso, até se colocar no lugar de protagonista com conteúdo e formato pensados especialmente para esse ambiente.

Atualmente já se vive um novo processo, quando base de dados¹ são usadas a favor da produção jornalística. Pré- produção, produção, pós- produção e distribuição das notícias passaram a ter o suporte dessa tecnologia. Fidalgo e Canavilhas (2009) falam no sistema *push*, aquele onde o conteúdo procura o consumidor, se mostrando uma das características do jornalismo digital, contribuindo para a personalização dos conteúdos. (LORENZ, 2014)

A Interatividade (ROST, 2014) e a hipertextualidade tão citada por Canavilhas (2014), sendo a primeira considerada “uma das grandes revoluções da comunicação do século XXI” (PEIXINHO e MARQUES, 2015), são as grandes responsáveis pela transformação do espectador/leitor/usuário em partícipe da produção da notícia. A multimídia (SALAVERRIA, 2014) junção de texto, imagem e som e a memória, que Palacios (1999)² pontua como sendo a possibilidade de acesso à informação tanto em volume quanto em tempo- afinal é possível acessar conteúdos antigos com facilidade-, são também importantes características do jornalismo na web.

No caso da instantaneidade, é preciso dosar profundidade e velocidade,- esse seria o “segredo da publicação online” (BRADSHAW, 2014)- além do processo de ação contínua que permite ao jornalismo produzir, disponibilizar e atualizar conteúdos com agilidade e eficácia.

Silva (2008) fala no imediatismo em relação a “disputa pelo noticiar primeiro”, passando o deadline a fazer parte do processo. Essa corrida contra o tempo é uma realidade tanto para quem

¹ Sobre jornalismo em base de dados, interessante acessar <file:///C:/Users/UIR%C3%81/Downloads/Suzana%20Barbosa.pdf>

² Sobre a história do jornalismo na Web- PALACIOS, Marcos: MACHADO, Elias. Manual do Jornalismo na Internet, in: http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm

produz como para quem consome notícia. Conectadas e colaborativas, as audiências munidas de aparelhos com câmeras fotográficas e filmadoras passam a contribuir com a produção da notícia, fortalecendo o jornalismo cidadão ou participativo, responsável pelo registro de acontecimentos importantes muitas vezes negligenciados pela mídia de massa. (SILVA, 2008)

Dentro desse contexto há de se colocar mais um princípio do jornalismo na era digital, a ubiquidade. No contexto da mídia, “ubiquidade implica dizer que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real.” (PAVLIK, 2014) E essa possibilidade, como se percebe, faz toda a diferença na dinâmica da produção jornalística quando, como citado acima, inclui o cidadão comum.

É mais que interagir, é sugerir, solicitar e até definir conteúdos. Afinal muitas das pautas tratadas hoje nas mídias televisivas e radiofônicas partiram de conteúdos originários das redes sociais, que apesar de informarem e divulgarem não devem ser confundidas, como coloca Recuero (2001).

O jornalista é aquele que organiza a informação, que tem uma relação íntima com crítica, relevância e desenho do espaço social. As redes sociais na Internet informam, trazem práticas emergentes de difusão de informação, mas são diferentes do jornalismo. Enquanto as redes sociais vão trabalhar coletivamente em torno de informações que são relevantes para determinados sujeitos e vão difundir informações que são fruto de intrincados jogos sociais de competição, cooperação em torno na disputa pelo capital social, o jornalismo é aquele que tem o foco na sociedade e no que deveria ser relevante para seus membros. (RECUERO, 2011, p.)

Ainda sobre o papel do jornalismo digital, Recuero (2011) pontua a importância de organizar e hierarquizar a informação de acordo com cada sociedade, compromisso esse que a rede social não tem. A autora faz também uma observação quanto a possibilidade de uma ‘conversação emergente’ que no caso das redes sociais digitais é ampliada no que diz respeito à articulação, troca e disseminação de ideias e decisões.

Quanto aos produtos que serão elaborados nesta pesquisa, pretende-se organizar a informação conforme a demanda do público ao qual serão destinados, portanto usa-se a base do jornalismo digital, com toda a responsabilidade social, regras e processos. Não se trata apenas de unir os pares, como a autora sugere em relação à rede social, o fato de ser resultado de uma pesquisa em jornalismo confere ao website e ao aplicativo em construção, a necessidade de serem informativos, no mais completo sentido da palavra.

1.2 Gêneros jornalísticos e jornalismo de serviço

O jornalismo de serviço é um dos gêneros trabalhados no jornalismo brasileiro e muito embora alguns autores tomem como redundante o termo - afinal parte-se do pressuposto que além de ter surgido como uma prática social, o jornalismo deve essencialmente prestar um serviço à sociedade - foi no final de década de 1960 que um dos pioneiros nos estudos sobre o tema, Luiz Beltrão, apresentou a primeira classificação que dividia os gêneros jornalísticos em três categorias: informativa, interpretativa e opinativa. Apesar disso, o reconhecimento do jornalismo de serviço como gênero classificatório só se deu depois, no final do século passado na década de 90 quando Marque de Melo estabelece cinco gêneros no jornalismo brasileiro, entre eles o utilitário, também reconhecido como de serviço, de bem estar ou social.

Houveram algumas alterações até Marque de Melo (2007) apresentar dentro do gênero utilitário, o de serviço.

Os estudos sobre jornalismo e, especificamente, sobre gêneros jornalísticos são resultantes de desdobramentos nas modalidades de comunicação de massa e também são consequências do reconhecimento dos meios noticiosos como um campo de conhecimento possuidor de uma linguagem, saberes, lógica e técnicas particulares e também de princípios éticos e códigos deontológicos, ou seja, um *modus operandi* que justifica a apreensão de suas particularidades, a partir da observação de seu ambiente próprio, no caso, os meios noticiosos, e de sua gramática própria e aporte teórico particular. (Comun.& Inf., Goiânia, GO, v. 18, n. 1, p 208-225, jan./jun. 2015 *Caderno Casadinho Procad UFG - UFRJ*).

O jornalismo configura-se em seu papel de mediação por apresentar quatro importantes características: a periodicidade, a universalidade, a atualidade e a publicidade. (GROTH, 2011). Para Alberto Dines (1996, p.97) a concepção de utilidade nos jornais impressos se dá pela sua periodicidade diária sendo o melhor instrumento para o fornecimento desse material utilitário, o serviço, que vai tornar a existência, na sociedade organizada possível e mais fácil.

Dentro desse contexto, o gênero utilitário ou de serviço tem o propósito de “orientar o leitor, seja para o consumo de bens simbólicos, para o lazer e a cidadania” (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010, p. 228). Funciona como uma bússola, orientando e informando de maneira assertiva e eficiente. Vaz (2009), que fez um minucioso estudo sobre o tema para a dissertação de mestrado, traz a seguinte colocação.

O jornalismo utilitário tem como proposta principal oferecer a informação que o receptor necessita ou que poderá se tornar necessária em algum momento. Assim manifesta-se em todos os suportes midiáticos, e nos dias atuais com espaços bem mais amplos, levando à audiência uma informação útil e utilizável. (Vaz Tyciane Cronemberger Viana *Jornalismo de serviço: o gênero utilitário na mídia impressa brasileira*/ Tyciane Cronemberger Viana Vaz. 2009. 197 f).

Atividades que orientem e facilitem a rotina da cidadão e que sejam de interesse geral e que segundo Parrat (2008 pag. 32) (apud Vaz) acontece em forma de listas, conselhos ou guias. Caberia, segunda a autora, traduzir o jornalismo de serviço em três formas sendo: responsável por cobrir as necessidades e preocupações do cidadão; informar sobre questões de interesse geral e ainda ser incorporado em textos convencionais. Vaz também pontua em seu trabalho algumas das referências desse tipo de jornalismo ainda no final do século XIX quando alguns impressos traziam resultado de loterias, achados e perdidos e cotações de produtos no mercado. (VAZ, 2009)

Lia Seixas diz que a evolução do jornalismo e a hibridização do mesmo são responsáveis por um verdadeiro embaralhamento de estilos e gêneros que mesmo imbricados se dividem de acordo com a mídia em que o conteúdo é produzido. Dentro desse contexto, uma das hipóteses levantadas pela autora é a de que o gênero perpassa as mídias, o que nos faz compreender que o jornalismo de serviço ou utilitário deve ser trabalhado em qualquer que seja o espaço, podendo adaptar-se de modo a assumir qualquer ambiente midiático.

Temer (2013) diz que o jornalismo de serviço possui grande potencial didático e ideológico que o difere dos demais por ultrapassar os limites do simples e imediato uso da informação. Mas esse ainda é um campo a ser explorado, levando em consideração as poucas pesquisas aprofundadas sobre o tema. Sobre a internet, onde a característica maior é a instantaneidade, Vaz (2009) sugere a realização de novos estudos que foquem a velocidade e a interatividade típicas do meio, ao mesmo tempo que considera sim que a classificação atual consegue abarcar essa mídia.

1.3. Jornalismo e ativismo digital

O sociólogo francês, Dominique Wolton (2003), apresenta relativa crítica à respeito do valor social das novas tecnologias da comunicação, amplamente tratadas nas últimas décadas. O

autor enfatiza a relevância da “dimensão técnica” sem deixar de lado as “dimensões culturais” que dariam sentido à toda essa tecnologia.

Não se pode em nome da “modernização”, que não quer dizer grande coisa em matéria de comunicação, impor a utilização do computador dentro do conjunto da sociedade sob o pretexto de que é mais performático e racional. Certamente o computador o é, mas as atividades humanas e sociais que ele atende não o são de maneira idêntica. Nada pior do que acreditar que a racionalidade técnica poderia modificar a racionalidade das relações humanas. (DOMINIQUE WOLTON, 2003, p. 121-122)

Colocações que fazem pensar e que reforçam a importância das mensagens em detrimento aos meios. Mas talvez a grande qualidade da rede mediada por computador seja, no aspecto da comunicação, a possibilidade de interação, que Ward (2006) aponta em três momentos.

a) Consumidor interagindo com o provedor: o exemplo mais óbvio é quando leitores enviam e-mails para jornalistas com suas opiniões sobre o que foi escrito ou para fornecer outras informações. b) Consumidor interagindo com o consumidor: por exemplo, os fóruns de mensagem (message boards) dos websites permitem aos leitores trocarem opiniões e informações; isso pode fornecer diferentes perspectivas para uma reportagem. c) O consumidor pode também se tornar o provedor: à medida que o meio de comunicação online amadurece, algumas vozes “lá de fora” estão se tornando mais confiáveis contribuindo para o conteúdo principal. (WARD, 2006, p.25)

A falta de espaço para o discurso polifônico nas mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, por exemplo, e o surgimento, e consolidação, da internet abriram uma lacuna onde as mais variadas vozes podem ecoar. Traquina (2005) se pergunta qual o papel do jornalismo em uma sociedade democrática, apontando para a responsabilidade tanto do jornalista quanto do jornalismo em si, bem como o tratamento que os grandes empresários da comunicação dão às notícias, transformando-a em mercadoria, o que para o autor interfere no comprometimento do seu papel social.

Para Maia (2008) são restrições sofridas pelos grandes meios de comunicação que acabam interferindo na produção de conteúdo, dificultando cada vez mais o desenvolvimento de temas de interesse público.

Não são poucas as dúvidas a respeito da capacidade dos meios massivos para formar plataformas para o debate público. As empresas de comunicação estabelecem diversas relações de interesse com grupos de poder e setores do mercado, o que pode comprometer os parâmetros da comunicação democrática,

ou seja, a independência, a responsabilidade e a correção da informação.” (MAIA, 2008, p. 95)

As tecnologias de informação e comunicação tem força para unir cidadania e redes digitais como afirmou Javier Bustamante. “De fato, as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos.” (BUSTAMANTE, 2011, p.15)

A rede social digital segundo Recuero (2009) “é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. Essas redes permitem o compartilhamento de interesses comuns através da comunicação em veículos e aparelhos digitais. (RECUERO, 2009, p. 24)

Castells (2003), afirma que “as pessoas não formam seus laços significativos em sociedades locais, não por não terem raízes espaciais, mas por selecionarem suas relações com base em afinidades”. Para o autor “as redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais” mas o autor lembra que as relações sociais não são uniformes. (CASTELLS, 2003, p.101)

O que é relevante pontuar é o fato de que as redes digitais são um importante instrumento de inclusão, já que nesses espaços sujeitos socialmente inexistentes podem, ainda sem restrição ou maiores custos, uma vez que a web é irrestrita e não depende de concessão pública, se fazerem presentes. A ‘inteligência coletiva’ (LÉVY, 2003) e o empoderamento decorrente da inclusão digital também geram uma série de redes de solidariedade (Castells, 2009), uma vez que no primeiro caso, as tecnologias da informação e da comunicação coordenam os inteligentes coletivos.

Não se pode deixar de abordar, mesmo sem aprofundar o assunto, dentro desse contexto de democracia eletrônica, o papel relevante dos blogs. Esses espaços estratégicos “permitem aos pesquisadores, jornalistas, profissionais de comunicação exercitar a função de escritores e exercerem a cidadania através de um novo e poderoso meio colaborativo”. (PAIVA, 2013, p. 139) Importância essa que também está atrelada ao sentido democrático do uso do ciberespaço, como coloca André Lemos.

Os blogs são, junto com os games, os chats e os softwares sociais, um dos fenômenos mais populares da cibercultura. Eles constituem hoje uma realidade em muitas áreas, criando sinergias e reconfigurações na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes de sociabilidade, nas artes. Os blogs são criados para os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências. (LEMOS, 2009, p.8)

Foram os blogs e o universo da blogosfera que Paiva (2013) nomeia como “um ambiente comunicacional colaborativo recente que acolhe a vontade de poder escrever e se comunicar dos indivíduos e grupos sociais”, que abriram as portas tanto para quem se propunha a contar histórias como para quem estava acessando-as, com a possibilidade de interação. Websites e outros espaços das redes digitais, como as próprias redes sociais, são campos disponíveis para ocupação, guardadas as devidas restrições de acordo com as regras de cada um. (PAIVA, 2013, p. 142)

Poder ser e estar em atividade valendo-se da praticidade de navegar de qualquer dispositivo móvel ou mesmo do computador, a rede digital e o seus produtos à exemplo de blogs, redes sociais, fóruns, websites, etc... têm, entre tantas características a possibilidade de discrição.

Levando em consideração a presente pesquisa, estar em situação de adicção ou ter um parente nessas condições nem sempre é suficiente para colocar os envolvidos em situação de exposição, pelo contrário, muitas vezes essas pessoas deixam de buscar ajuda por vergonha ou medo, sendo a internet um campo propício para uma comunicação mais discreta, possibilitando uma janela para um diálogo que muitas vezes deixa de acontecer no contexto real.

CAPÍTULO 2- Produto: etapas da construção do produto

2.1 A escolha do produto

Produzir um conhecimento que pudesse servir para o outro, que extrapolasse os limites da academia e que pudesse ser um canal de duas vias, já que apenas a dissertação não possibilitaria a troca e a interação, que é a gênese desse projeto. Foi desse princípio que surgiu a ideia de criar um produto, que viraram dois mas que se equivalem nesse sentido.

Atender o ‘interesse público’, que Rossignolli (2013) cita como um conceito macro no jornalismo, nesse contexto de um público específico que lida de alguma maneira com a dependência química, é um modo de colaborar com um cenário desanimador que o próprio jornalismo, através dos meios de comunicação, ajuda a estabelecer muitas vezes com a finalidade de alavancar as audiências. São estereótipos presentes no ideário de grande parte da população e que não precisam de reforço, pelo contrário, precisam ser desconstruídos ou pelo menos minimizados para que o tema seja visto e tratado com mais respeito.

Não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 66)

No trecho acima Marcondes Filho refere-se à TV, mas podia ser qualquer outra mídia, inclusive as que se utilizam da rede mundial de computadores, que nos dias atuais oferecem toda a sorte de conteúdo, muito embora haja uma possibilidade mais democrática de uso.

O professor Henrique Antoun, da Escola de Comunicação da UFRJ, faz a seguinte colocação quanto ao poder de força da televisão no Brasil em detrimento ao espaço que a web disponibiliza. “A web é povoada por movimentos sociais, hackers, grupos de ONGs, grupos de lutas sociais, que começam a entender aquele lugar como um espaço que precisava ser povoado pela população e que não fosse restrito aos militares e universidades”(ANTOUN, 2010). Lembrando que essa restrição a que se refere se deu no início, quando a internet era basicamente utilizada por esses dois grupos.

Se de um lado a rede proporciona a união em torno de discursos e ideias semelhantes, há de se considerar o outro lado. Há também a dissonância das vozes presentes nas redes digitais e a colocação de Filho (2011) trata disso:

Esse amplo universo das redes digitais é plenamente carregado de conflitos, discursos contraditórios e controvérsias. Os usuários/ produtores, agenciadores de signos, estão sempre em alerta, testando interfaces, recusando quem não é da tribo, excluindo tudo que foge ao seu interesse, adicionando desconhecidos aos seus perfis ou despejando conteúdos no oceano digital. (FILHO, 2011 p. 41)

E justamente por não gerar grandes custos além de oferecer um espaço que provavelmente os meios de comunicação tradicionais não disponibilizariam, escolheu-se produzir um website e uma rede social (nesse caso em forma de aplicativo).

Outro ponto que contribuiu para a escolha do produto diz respeito à possibilidade de interação e troca entre os pares. Machado (2003) coloca de maneira clara a relevância da dimensão mundial das redes, que o autor explica romper com os limites impostos pelas distâncias físicas, ou seja, mais um motivo para justificar o interesse de realizar esse projeto na web.

Há de se considerar também que ao tratar um tema tão particular, como o da dependência do crack, que ainda gera muitas dúvidas ao mesmo tempo em que é considerado um tabu, torna-se

difícil encontrar atores do processo dispostos a contar abertamente as suas histórias, tanto que é regra nos grupos de autoajuda a não exposição de seus membros.

... “Eu não disse nem as minhas irmãs que o sobrinho está usando crack, apesar de ter certeza que não vou conseguir guardar isso por muito tempo. Só eu, meu marido e minha filha sabem do que está acontecendo. As vezes tenho até vontade de ligar pra alguém, desabafar, mas tenho vergonha e de certo modo, até medo do que as pessoas vão dizer...” (depoimento de uma mãe que frequenta um grupo de autoajuda)

Nesse sentido, o computador, o tablet ou o smartfone permitem aos usuários ligarem- se e desligarem- se e mudarem de interesse sem necessariamente se revelarem. (CASTELLS, 2003) Em conversas com membros de um grupo de ajuda para codependentes de dependentes químicos, essa característica da rede foi apontada como essencial e encorajadora. “Não precisar estar se expondo é muito confortável”³.

2.2 Caminho metodológico

Em se tratando de metodologia, o projeto em questão apresenta revisão bibliográfica sobre dependência química e codependência, revisando igualmente aspectos do jornalismo digital e de serviço.

Para além da pesquisa bibliográfica realizou-se pesquisa documental, já que esta modalidade “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais (...)” (FONSECA, 2002, p. 32). Ampliar a possibilidade de pesquisa, principalmente no que diz respeito ao uso abusivo de substância ilícita, como é o caso do crack, é ter a possibilidade de abordar o que foi visto em filmes documentários, matérias- dos mais diferentes meios- além de acessar livros que relatam histórias

³ Depoimento de irmã de dependente químico que frequenta grupo de auto-ajuda

de vida, sem necessariamente serem sustentados por estudos ou pesquisas científicas, mas sim pelo empirismo.

Foi utilizada também a entrevista semiestruturada aplicada oralmente para 12 dependentes e 16 codependentes com a finalidade de servir de orientação para a produção do aplicativo, já que é esse o público do software. Era preciso saber quais as dúvidas mais frequentes desses dois grupos de pessoas, bem como a quem essas pessoas gostariam de fazer essas perguntas. Todas as respostas foram anotadas e arquivadas.

A abordagem foi realizada durante reunião com grupos de dependentes químicos e codependentes, que frequentam salas diferentes, em uma espécie de *brainstorm* onde os presentes responderam oralmente durante o encontro. Os questionamentos dos membros serviram, inclusive, de pauta para a reunião naquela ocasião. A intenção era começar a cruzar essas informações para compreender e iniciar o desenho funcional do aplicativo, que tem foco na ajuda mútua e que servirá de espaço para dependente, codependente e equipe de ajudadores. (Profissionais da área de saúde, psicologia, líderes religiosos, ex-usuários e profissionais que trabalhem diretamente com os dependentes, à exemplo de coordenadores de casas de reabilitação).

2.3 A logística do espaço e parceria com o LAVID

O presente projeto tem parceria com o Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID),- Núcleo de Pesquisa e Extensão que faz parte do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)- responsável por criar o produto resultado deste mestrado. A priori, como consta no pré-projeto, era intenção produzir um espaço informativo, de natureza multimídia em ambiente virtual, utilizando múltiplos recursos à exemplo de vídeo e áudio, bem como possibilitar a integração entre pessoas que estejam de alguma maneira sendo afetados pelo abuso e dependência de drogas.

O primeiro grande desafio foi o fato de realizar um projeto conjunto com o LAVID. Os encontros com o professor doutor Guido Lemos⁴, orientador do projeto que tem a co-orientação da professora doutora Joana Belarmino, começaram ainda no primeiro semestre da pós-graduação, quando foram iniciados os primeiros contatos, inclusive em uma das oportunidades com outros professores daquele departamento. Afinar o que seria o projeto, apresentar dados e estatísticas e desenhar o que seria o produto foram algumas das pautas das primeiras orientações com o professor Guido Lemos. Interessante pontuar que ainda nas primeiras conversas já partiu do orientador a ideia de se produzir um aplicativo, uma espécie de rede social de ajuda mútua para dependentes e codependentes que proporcionasse o contato entre as partes, além de conteúdo sobre o tema.

Tem sido uma preocupação constante, durante o processo, estar ancorada na teoria e nas diretrizes do jornalismo, apesar da parceria com o Centro de Informática e da possibilidade de imergir nesse universo cheio de particularidades. Por isso a necessidade de se produzir um aplicativo que vai oferecer também informação, com notícias baseadas em fatos verdadeiros, histórias de sucesso e espaço para troca de informações e ajuda, onde o jornalismo de serviço e o webjornalismo ancorados à tecnologia ofereçam à sociedade, afetada pela força destruidora do crack, a possibilidade de saber mais sobre o vício e suas consequências. Faz parte do escopo desse projeto mostrar também que casos de recuperação existem e contá-los é apresentar para quem está vivendo o processo de dependência e/ou codependência, que é possível reerguer-se e retomar a vida.

Deste modo os encontros passaram a se tornar semanais, com o término das disciplinas do dois primeiros semestres do mestrado, e depois de entregues todos os trabalhos. No dia 02 de abril foi lançado um edital para reunir voluntários em torno do projeto, o material foi divulgado entre os discentes do Centro de Informática (CI) e do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA).

O documento fez um chamamento para oito voluntários, sendo seis da área de tecnologia e dois da comunicação, que seriam selecionados a partir de perfil e análise do currículo. Ficou claro no edital que os voluntários não seriam remunerados financeiramente, sendo oferecido como contraproposta a utilização de créditos necessários para as disciplinas de prática, muito embora não esteja descartada a possibilidade de ofertar bolsas de estudos aos envolvidos, mediante aprovação do projeto em programa de financiamento.

⁴ Na fase da defesa a professora Joana Belarmino assumiu a orientação, ficando a co-orientação aos cuidados do professor Guido Lemos.

Foram enviados nove currículos. Todos os interessados foram convidados para uma primeira conversa que aconteceu no espaço do LIEPE, onde está instalado parte do laboratório do LAVID. Na primeira reunião todos estiveram presentes e puderam se apresentar, falar sobre suas habilidades e interesses como também tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre a intenção do projeto. Dependência de crack, jornalismo de serviço e a mediação por parte da tecnologia foram, nesse primeiro encontro, apresentados.

O segundo encontro, na semana seguinte, contou com a participação do professor Guido Lemos, que reforçou a importância de se produzir um aplicativo e explicou questões pertinentes à tecnologia e sobre como todas as etapas iriam acontecer. Nesse encontro também foi estabelecido o lugar de cada voluntário no projeto. A divisão foi feita da seguinte maneira: Equipe *Front end web*, (parte do programa responsável por consultar as informações no back end para fazer a apresentação com a interface web), Equipe *Frontend mobile* (responsável por fazer a aplicação móvel) e Equipe *Backend* (responsável por criar a parte funcional e de processamento das aplicações). Ainda nesta segunda reunião, foi falado sobre o protótipo de um aplicativo produzido pelo LAVID em parceria com a USP e que seria utilizado durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, realizada em 2016. O aplicativo referido ajudaria visitantes estrangeiros em situações críticas, como por exemplo, envolver-se num acidente e parar em um hospital da cidade, sem entender ou falar português. Ou ainda evitar que esses visitantes circulassem por áreas que oferecessem algum tipo de risco mais iminente. A partir dessa noção de ajuda é que passou a ser trabalhando o aplicativo Hope.

Quanto aos voluntários da área de comunicação, foi feito um segundo chamamento, inclusive através de email enviado pela coordenação do curso de jornalismo, onde chegou a acontecer uma entrevista, mas o estudante do curso de jornalismo não achou interessante participar por não haver nenhum tipo de remuneração e o candidato, que mora sozinho na capital, não teria condições de se dedicar a um projeto sem que houvesse qualquer tipo de ajuda financeira. Quando fizemos o segundo chamamento, através de material informativo disponível também nos murais do CCTA, achamos por bem não colocar no documento a informação sobre ausência de bolsa, por isso o candidato só soube durante a entrevista.

Mas mesmo que o projeto ainda esteja sem voluntário de comunicação, é fato que a colaboração de estudantes ou profissionais da área será extremamente necessária para a produção do conteúdo proposto no app.

2.4. Arquitetura do aplicativo: Telas e navegação do Hope

A principal funcionalidade do aplicativo⁵ é informar e prestar suporte psíquico-emocional e para que o objetivo pudesse ser alcançado muito se pensou sobre a estrutura do produto, que pode sofrer alteração mediante resultado de testes. A ideia é proporcionar uma navegação limpa, agradável e de fácil compreensão, uma vez que o perfil do visitante é variado, podendo ser desde um jovem usuário de crack a uma mãe idosa interessada em saber mais sobre o vício do filho.

Primeira tela

Ao iniciar a aplicação pela primeira vez, o usuário é submetido a um questionário. Para evitar que seja um processo entediante e cansativo, as respostas não são obrigatórias. Caso deseje, o usuário pode respondê-las depois, à exceção, contudo, da primeira pergunta. Nesta, o usuário deverá se identificar como um dos perfis (dependente, familiar, ex-dependente, especialista ou curioso).



Segunda tela

O conjunto de perguntas que vem a seguir depende da resposta da primeira pergunta, visto que é de nosso interesse saber diferentes informações de acordo com o tipo de visitante. Abaixo seguem exemplos de perguntas que serão feitas para um dependente. Escolher as melhores e mais pertinentes é uma tarefa complexa que está tendo o suporte e a colaboração de psicólogas que trabalham com dependência química.

Essas respostas ajudarão a colher informações sobre o usuário para personalizar a experiência dentro da aplicação, isto é, direcionar conteúdos e especialistas de acordo com a necessidade do visitante.

⁵ Versão do aplicativo para Android. Disponível em: <http://bit.ly/2RZjM1q> Acesso em: 16/12/2019.

Exemplos de perguntas que o HOPE fará para o usuário da aplicação/dependente

Quando começou a usar droga?

Usa mais de uma?

Usa mais de uma vez por semana?

Já tentou parar de usar?

Está se sentindo bem?

Já teve sintomas de abstinência?

Se sente mal por usar droga?

Sua família sabe que você usa?

Exemplos de perguntas que o Hope fará para o usuário da aplicação/codependente

Se sente culpado pela dependência do seu ente?

Se sente triste com a situação?

Sente raiva da dependência do seu ente?

Sabe como lidar com a situação?

Costuma estabelecer diálogo com o dependente?

Se irrita constantemente com a situação?

Faz alguma tipo de acompanhamento médico-terapêutico?

Tem vergonha da situação?



Terceira tela- Página Principal

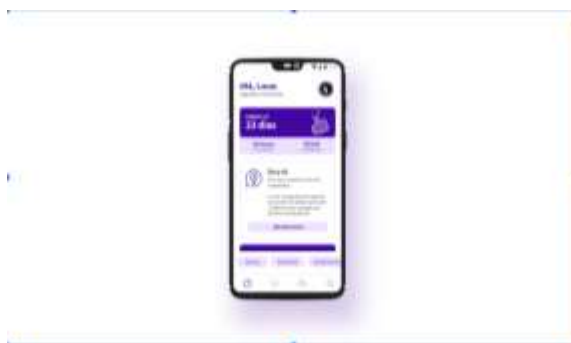
A página principal é baseada em um princípio: conteúdo dinâmico.

Nela, estão distribuídos diversas áreas para exibição de conteúdo que foram definidas como “cards”, que podem conter, por exemplo, elementos personalizados de acordo com o perfil do visitante, ou um feed de publicações em uma rede social. Quanto mais o visitante interage com a

aplicação, melhor conheceremos seu perfil e mais bem direcionados serão os conteúdos dos “cards”. Ainda nesta tela haverá, eventualmente, a oportunidade de responder perguntas sobre si/o dependente. Desta forma, a medida que consome conteúdo na aplicação, o modelo de dados é aprimorado, garantindo mais informação para posterior tomada de decisão.

No canto inferior da tela principal, existe um conjunto de filtros, exibidos sob a forma de Hashtags. Tocar em uma destas palavras filtra o conteúdo exibido na tela naquele momento. Tocar novamente, volta a exibir todos os tipos de conteúdo.

Logo abaixo, na extremidade inferior da tela, existe um conjunto de abas que permitem trocar entre as seções do aplicativo (Página Principal, Mensagens, Comunidade e SOS).



Cards

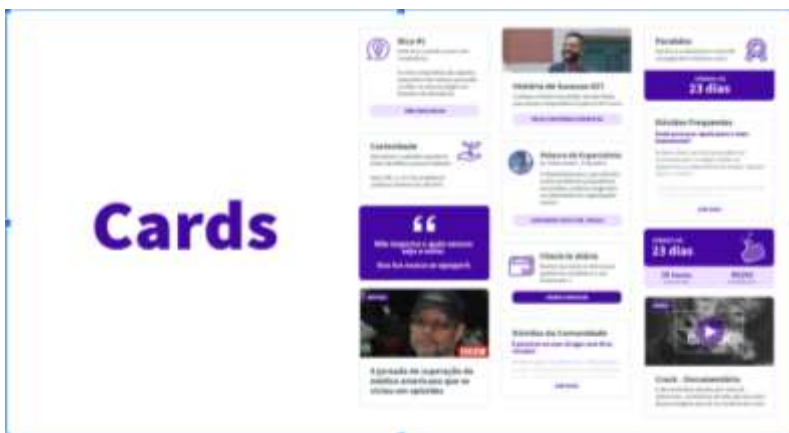
O aplicativo já contém alguns “cards” considerados essenciais no que diz respeito à atender as necessidades a que o aplicativo se propõe. Dicas, perguntas, dúvidas frequentes, check-in, recomendação de matéria, vídeos, frases motivacionais, histórias de sucesso.

As possibilidades são ilimitadas, e o conteúdo pode ser personalizado e direcionado para cada perfil de usuário. Por exemplo: Maicon tem 23 anos, é usuário de crack há 6 meses e não tem boa relação com a família. Está limpo há 4 dias.

Já Angélica, 49 anos, tem 2 filhos adultos e sente que nunca conseguirá se livrar da sua dependência em drogas. Todas essas informações foram obtidas através de perguntas que Maicon e Angélica responderam enquanto navegavam no aplicativo. Algumas, ao cadastrar, outras no “feed” da página principal, interagindo com os *cards*.

De posse destes dados, é possível direcionar conteúdos totalmente diferentes para Maicon e Angélica, afinal são dois perfis de usuários completamente distintos, ainda que ambos sejam dependentes químicos.

Descrição dos “cards”



Dicas- Informação sucinta e direta que seja relevante para o usuário da aplicação: dependente e codependente. O tópico pode envolver saúde, comportamento, bem estar entre outras áreas.

Fatos- Referente a algo que já foi experimentado, gerou resultado positivo e pode ser aplicado. O espaço traz fatos e curiosidades que promovam o estímulo para o bem estar.

Motivacional- Frases de efeito, geralmente extraídas de grandes pensadores e estudiosos e, como o nome sugere, servem para motivar e incentivar dependentes e codependentes.

Artigos- Conteúdo escrito por profissionais da área de saúde e dependência química, à exemplo de dependentes em recuperação, líderes religiosos e responsáveis por clínicas e comunidades terapêuticas. Nesse espaço podem entrar também matérias produzidas especialmente para o aplicativo ou ainda retiradas de agências.

Histórias de sucesso- Espaço destinado a histórias de sucesso, recuperação e retomada de uma vida longe das drogas. Cabe também depoimentos de codependentes que possam interferir de maneira positiva na experiência do outro.

Vídeos- Cabem aqui links de matérias, documentários e entrevistas sobre os mais variados temas que envolvem o assunto.

Opinião do especialista- Pequenas dicas e opiniões de especialistas sobre os mais variados temas que envolvem o assunto.

Dúvidas da comunidade ou dúvidas frequentes- O espaço contém uma série de perguntas e respostas que comumente intrigam dependentes, codependentes e a comunidade em geral. Será um banco de informações disponível de forma a esclarecer, de maneira prática e rápida, dúvidas rotineiras que dizem respeito à dependência química.

Sóbrio creck-in- Recurso para incentivar o dependente a permanecer na em abstinência. A navegação no card gera os conteúdos dos dois próximos “cards”.

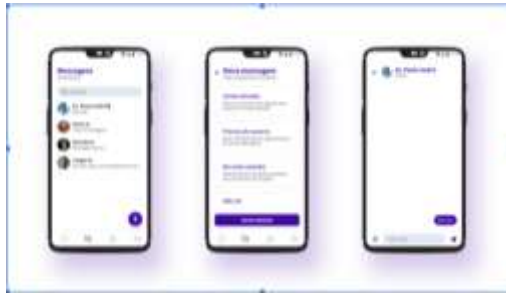
Sóbrio Conquista e Sóbrio contador (acredito que pode ser fundido em um só) - Faz a contagem dos dias longe da droga e de quanto o usuário ganhou em horas de vida e dinheiro, uma vez que deixou de comprar o produto.



Mensagens- O sistemas de conversação dentro do aplicativo não diferem muito dos aplicativos de mensagens populares. A grande diferença é que, ao tocar no botão +, ao invés de escolher com quem quer conversar, esta tarefa é delegada ao Sistema. O usuário toca no botão para iniciar uma nova conversa e deve responder uma pergunta: “Por que você precisa conversar?”

Dependendo da resposta e dos dados do perfil daquele usuário, o sistema identifica o grau de urgência do pedido e decide se realiza novas perguntas.

Ao final do processo, o sistema seleciona uma pessoa, dentre médicos, psicólogos, especialistas, ex-dependentes, etc. que tenha o perfil mais indicado para a necessidade da conversa naquele momento.



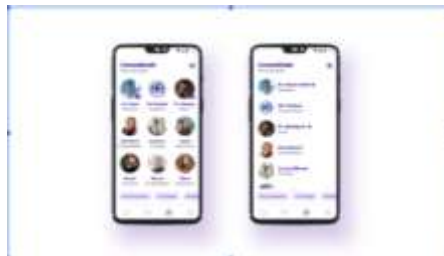
Comunidade-

Nessa aba, o aplicativo exibe o perfil daqueles usuários da aplicação que optaram por aparecer publicamente na plataforma. Serve como um guia de psiquiatras, psicólogos, grupos de apoio, líderes religiosos, especialistas, ex-usuários de drogas e outros tipos de pessoas/entidades que possam ajudar o usuário de substância química em sua jornada.

Na parte inferior, há um filtro parecido com o modelo proposto na tela principal, onde é possível selecionar através de hashtags quais tipos de pessoa o usuário deseja ver naquele momento.

Há dois tipos de exibição: em grade (Fig. 1) e em Lista (Fig. 2).

Ao tocar no usuário, um perfil com mais informações é exibido. Caso o usuário tenha autorizado o envio de mensagens públicas, haverá neste perfil um botão para iniciar uma conversa diretamente com a pessoa selecionada.



Conteúdo do Aplicativo e a colaboração da turma de Gêneros Jornalísticos

A produção do conteúdo apresentado acima ficará por conta da equipe de comunicação do aplicativo, que se encarregará de alimentar o app de acordo com a necessidade de atualização de cada um dos “cards” existentes. A intenção é oferecer o máximo de conteúdo produzido pela equipe aplicação, ficando para segundo plano a curadoria de informações e notícias provenientes de outras fontes. Para esse primeiro momento um conteúdo especial foi produzido para a fase de

testes do aplicativo. É importante lembrar que card como Sóbrio Contador e Sóbrio Check-in serão gerados pelo robô.

Houve também a colaboração da turma de Gêneros Jornalísticos, do primeiro período do curso de Jornalismo da UFPB que contribuiu com conteúdo a ser utilizado no app. A professora da disciplina, a doutora Zulmira Nóbrega pediu para que os alunos, divididos em pequenos grupos, produzissem matérias cujo tema estivesse relacionado à dependência de crack e seus desdobramentos. No primeiro momento a professora fez um grupo na rede social Whatsapp onde foi postado um vídeo explicando sobre o projeto e a necessidade da demanda.

Foram passadas para a turma algumas sugestões de pauta e cada grupo trabalhou uma delas: Usuários de crack na Paraíba; Tratamentos para usuários de crack; A dependência química e os grupos de autoajuda; O trabalho das clínicas de reabilitação; A possibilidade de reabilitação do usuário; Vida livre da dependência. Na ocasião também houve suporte aos alunos com sugestão de entrevistas, contatos telefônicos, entre outros esclarecimentos.

A professora Zulmira Nóbrega orientou os alunos à enviarem as matérias produzidas para que pudéssemos analisar, sugerir ajustes e conseqüentemente avaliar os trabalhos. Desse modo, a colaboração gerou uma avaliação valendo nota que foi somada às demais atividades da disciplina. Das 13 matérias produzidas, pelo menos quatro podem ser utilizadas no conteúdo do aplicativo sem que sejam necessários maiores ajustes, as demais não possuem a mesma indicação de uso por não atenderem os padrões estéticos necessários- lembrando que foram produzidas por alunos no primeiro período, que ainda estavam cursando as disciplinas básicas- ou ainda por terem alguma relação com o factual, o que gera a necessidade de atualização do conteúdo.

Equipe de voluntários Hope

Débora Viana, Ciência da Computação, 9º período

Yure Galdino, Ciência da Computação, 9º período

Rene Alves Barbosa, Ciência da Computação, 10º período

Thomas Ribeiro, Matemática Computacional, 4º período

Nathan Carlos, Matemática Computacional, 4º período

Denilson Pedro, Matemática Computacional, 4º período

Arthur Lopes, Ciência da Computação, 9º período

Erika Lira, Matemática Computacional, 5º período

Lucas Lacerda, Ciência da Computação, graduado em 2018.2

Nas fotos abaixo registros da equipe em reunião.



CAPÍTULO 3- Objeto: Dependência e codependência e seus aspectos históricos contextuais

3.1 Evolução do uso de drogas ao longo do tempo

O uso de drogas data de milhares de anos, sendo realizado nos mais variados rituais e com finalidades diversas, de acordo com os hábitos e costumes de cada povo. O consumo de plantas psicoativas, que serviam de base para medicamentos, deu origem ao nome droga, já que deriva de *droog*, palavra do holandês antigo, que significa *folha seca*.⁶

“Desde a Pré-história, por exemplo, diferentes povos utilizavam plantas e substâncias específicas para provocar alterações de consciência por vários motivos e, com o passar do tempo, esse uso se manteve conforme as necessidades culturais e do contexto.” (OLIVEIRA; KERR-CORRÊA, 2013, p. 61)

A folha da coca, por exemplo, é usada há milhares de anos pelas populações andinas que a mascam com o intuito de sentirem efeitos psicoativos que minimizarão as sensações de frio, fome e a fadiga do trabalho duro realizado por esses povos indígenas. (HURTADO, 1995)

No século XIX, com a evolução da química, surgiram a morfina, a heroína e cocaína, sendo esta última usada para vários fins, inclusive medicamentoso, com relato de efeitos benéficos por diversos autores. A popularidade, foi tanta que uma marca de vinho e outra de refrigerante, ambos produzidos nos Estados Unidos, usaram cocaína em suas fórmulas. No caso do refrigerante a droga foi banida da fórmula algumas décadas depois. (FIGLIE; BORDIN; LARANJEIRA, 2010).

É notório que a relação com a droga mudou ao longo dos séculos e essas mudanças estão relacionadas também ao uso de fármacos, drogas lícitas, como sugere Labate, Goulart, Fiore, MacRae e Carneiro (2008).

“Há cerca de um século praticamente nenhuma droga, de uso medicamentoso ou não, era objeto de controle, quanto mais sujeita à criminalização. No entanto, ao longo do século XX, praticamente todos os países do mundo viriam a implementar políticas mais ou menos repressivas em torno do uso de certas drogas. Exceções à parte, tais políticas caracterizaram-se pela criminalização da produção, do tráfico e do uso de drogas com propósitos não terapêuticos e pela crescente ampliação de substâncias consideradas drogas de uso ilícito.” (Drogas e Cultura: Novas Perspectivas, 2008, p. 54)

No Brasil, o consumo da cocaína passou a ser percebido no final dos anos 80 e “tem aumentado progressivamente nos últimos 30 anos”. (FIGLIE; BORDIN; LARANJEIRA, 2010, p. 79). Já a pedra, conhecida como crack, formada por pasta base de cocaína mais bicarbonato de sódio, começou a ser encontrada no Brasil no início da década de 90, pelo menos dez anos depois dos Estados Unidos. O baixo custo, a sensação de prazer imediata e o baixo risco de contaminação

⁶ <https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/defini.htm>

por HIV, que na época assustava, facilitou a popularização da droga conhecida pelo alto poder de destruição.

O subproduto da cocaína é ainda mais potente que a droga primeira e o fato de ser fumado faz com que os efeitos sejam sentidos mais rapidamente e de maneira mais intensa. “Quanto mais rápido e maior o início e a duração dos efeitos, maior é a probabilidade de dependência”. (FIGLIE, BORDIN, LARANJEIRA, 2010, p.79)

As drogas estão subdivididas em três grupos: estimulantes, que aceleram o funcionamento do cérebro; depressoras, que diminuem a velocidade de funcionamento do cérebro; e perturbadoras, que alteram o funcionamento do cérebro. É importante pontuar o conceito de droga segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), como sendo qualquer substância não produzida pelo organismo mas que tem o poder de alterar o funcionamento do mesmo através da atuação sobre um ou mais sistemas.

Na medicina refere-se a qualquer substância com a capacidade de evitar ou curar a doença ou aumentar o bem estar físico ou mental, e em farmacologia é qualquer agente químico que altera os processos fisiológicos bioquímicos de tecidos ou organismos. (...) No uso comum, o termo se refere especificamente a drogas psicoativas e, muitas vezes, ainda mais especificamente, às drogas ilícitas dos quais há uso não médico além de qualquer uso médico. ⁷ (WORLD HEALTH ORGANIZATION)

Sobre o consumo, e a esta pesquisa coube tratar de drogas ilícitas- com destaque para o crack-, vale salientar que é analisado em três momentos distintos: Uso, abuso e dependência, e segundo o Novo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- 5 (DSM-5) esse consumo não seria diretamente proporcional, abuso e dependência teriam uma espécie de correlação já que, segundo o documento, o abusador também tem problemas em decorrência ao uso da droga, assim como o dependente.

O livro ‘O Tratamento da Dependência Química e as Terapias Cognitivo-comportamentais’, coloca uma questão importante quando diz que alguém que faz uso de drogas pode oferecer mais risco que quem abusa e exemplifica citando um jovem que faz uso eventual, porém abusivo de álcool (nesse caso, droga lícita) e pega o carro para dirigir. Essa pessoa ofereceria mais risco que um consumidor abusivo em casa, por exemplo. (ZANELATTO; LARANJEIRA, 2012)

⁷ https://www.who.int/substance_abuse/terminology/who_lexicon/en/

A dependência química, segundo a OMS, é uma doença crônica, caracterizada por transtornos mentais decorrentes do uso abusivo de drogas. É progressiva e primária, e por ser primária funciona como porta de entrada para outras doenças. A Organização Mundial de Saúde chama de síndrome e faz a seguinte descrição sobre dependência química.

Um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que podem se desenvolver após o uso repetido de substâncias. Tipicamente, esses fenômenos incluem um forte desejo de tomar o medicamento, controle prejudicado sobre seu uso, uso persistente apesar das consequências prejudiciais, maior prioridade dada ao uso de drogas do que a outras atividades e obrigações, maior tolerância e uma reação de abstinência física quando o uso de drogas é descontinuado. No CID-10, o diagnóstico de síndrome de dependência é feito se três ou mais dos seis critérios especificados foram experimentados dentro de um ano. A síndrome da dependência pode relacionar-se com uma substância específica (por exemplo, tabaco, álcool ou diazepam), uma classe de substâncias (por exemplo, opióides) ou uma gama mais ampla de substâncias farmacologicamente diferentes.⁸ (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2001)

Desse modo pode-se concluir que ao mesmo tempo em que as drogas surgiram, é provável que tenham surgido também os dependentes. Há de se considerar que não há consenso quanto ao que leva um indivíduo a entrar em um quadro de dependência. Predisposição genética, influências externas, fragilidades psíquicas. Alguns especialistas consideram que as dependências químicas resultam da ação entre a genética e pelo menos um fator ambiental. (Negrão; Cordeiro; Filho, 2011). Esses mesmos pesquisadores garantem haver “um componente genético claro na transmissão de dependências químicas entre gerações”. (NEGRÃO; CORDEIRO; FILHO, 2011, p.59)

Documento do Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo, traz o seguinte conceito sobre o tema.

Dependência vem de uma palavra latina que significa *dependere*, ou seja, estar intrinsecamente ligado a algo ou alguém, no caso à droga. É um vínculo desequilibrado que o indivíduo estabelece com as diferentes substâncias psicoativas, um conjunto de sinais que caracterizam a síndrome da dependência. É um fenômeno complexo, que exige um olhar para o indivíduo em diferentes fases da sua vida, dentro de um contexto onde pode fazer o uso de uma ou várias substâncias lícitas, ilícitas ou ambas.⁹ (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO, 2011, p. 36)

⁸ https://www.who.int/substance_abuse/terminology/who_lexicon/en/

⁹ Álcool e Outras Drogas./ Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região.- São Paulo:CRPSP, 2011. Acesso em <http://crpsp.org/fotos/pdf-2015-10-02-17-16-04.pdf>

Há também os que tratam como fenômeno biopsicosocial, já que a dependência química pode decorrer de um conjunto de possibilidades.

O livro *Aconselhamento em Dependência Química* (2010) afirma que “a resposta sobre o que seria a dependência química, ainda não está clara” mas resume o problema no que denomina de quatro modelos: O modelo de doença, que entende a dependência como um transtorno primário herdado biologicamente; o modelo de comportamento aprendido, cujos teóricos acreditam nos comportamentos condicionados; o modelo psicanalítico, que em resumo crê na dependência como consequência de algumas deficiências do indivíduo; e o modelo familiar, que explica como as relações familiares contribuem para a manutenção do uso de substâncias. (FIGLIE; BORDIN; LARANJEIRA, 2010, p.78)

O fato de não haver exames pontuais, -ou de não se conseguir precisar o motivo do comprometimento,- como é possível com a diabetes ou com o câncer, torna o processo ainda mais delicado, sendo preciso haver cautela e uma anamnese profunda do indivíduo. Não é um comportamento em si, mas o que se verifica é que existe uma série deles, que pode levar ao diagnóstico da dependência química. Ainda no livro ‘O Tratamento da Dependência Química e as Terapias Cognitivo- Comportamentais’, é colocado que nenhuma teoria científica conseguiu explicar o uso de drogas, nem “explicar os motivos que levam um indivíduo a um primeiro episódio de uso da substância, do uso ocasional e do surgimento de padrões de uso nocivos ou de dependência.” (ZENATTO; LARANJEIRA, 2012, p. 123)

A genética da dependência química é estudada incessantemente por especialistas que buscam respostas ou, ao menos, possíveis explicações para o tema e pesquisam meios de minimizar danos dos usuários.

Em 2015, cerca de 250 milhões de indivíduos consumiram drogas pelo menos uma vez, segundo dados do Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Delito (UNODC). Mas ter experimentado não significa depender, a estimativa é que os dependentes químicos girem em torno de 29 milhões de pessoas no mundo.

O fato que há de se destacar é que apenas uma pequena parcela dessas pessoas tem acesso à tratamento, e elas estão em países desenvolvidos, segundo relatório do UNODC divulgado em 2010. Essa mesma pesquisa levantou que em 2008 apenas aproximadamente um quinto dos usuários de drogas tenham recebido tratamento.

Os números são ainda mais expressivos quando falamos da codependência. Um estudo realizado pela Unifesp, sob coordenação de Ronaldo Laranjeira, em 2014, dá conta de que para cada dependente químico, existam pelo menos quatro codependentes, pessoas “que têm deixado o comportamento de outra afetá-la, e é obcecada em controlar o comportamento dessa outra pessoa”. (BEATTIE, 2017, p.49). O historiador e especialista em saúde mental, Saulo Ribeiro traz em seu livro intitulado *Livre!* (2018) um dado ainda mais alarmante em relação às pessoas que de alguma maneira são atingidas pela dependência do outro. O autor, que coordenou por cinco anos uma casa de recuperação para dependentes químicos, sugere que cada usuário atinja pelo menos quinze pessoas, incluindo nesses números as vítimas de violência e roubo e em casos mais extremos, assassinatos relacionados à droga.

Pode-se considerar rápida a evolução desses números se levarmos em consideração que no ano de 2004, O V levantamento nacional do CEBRID realizado nas 27 capitais brasileiras constatou que 0,7% dos pesquisados havia feito uso na vida (abaixo de seis vezes ao mês) e cerca de 0,2% havia feito uso pesado do crack, o que significava o uso da droga por vinte vezes ou mais em um mês), naquele ano o Brasil tinha uma população de 182 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o crack ainda não era tão popular. (FIGLIE, BORDIN, LARANJEIRA, 2010)

Ao mesmo tempo em que se fala sobre epidemia, inclusive no que diz respeito à dependência de crack, dados de 2016 do 3º Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas encomendados pela Secretaria Nacional de Política de Drogas (Senad) órgão do Ministério da Justiça, apontam o contrário:

O levantamento aponta, por exemplo, que 0,9% da população usou crack alguma vez na vida, 0,3% fez uso no último ano e apenas 0,1% nos últimos 30 dias. No mesmo período, maconha, a droga ilícita mais consumida, foi usada por 1,5%, e a cocaína, por 0,3% dos brasileiros. Pesquisadores ouvidos pela reportagem são unânimes em dizer que, embora preocupantes, os índices estão longe de representar o que o governo, sobretudo na figura de Osmar Terra, insiste em chamar de epidemia.¹⁰ (THE INTERCEPT, 2019)

Discussões à parte, é interessante que não haja uma epidemia, principalmente no que diz respeito ao uso do crack já que, segundo Silva (2000, p. 11) “a dependência química que esta substância causa, é responsável por diversos problemas sociais, tais como tráfico de drogas,

¹⁰ <https://theintercept.com/2019/03/31/estudo-drogas-censura/?fbclid=IwAR1d8WDrRHhVG8aLk7zlaEF1wyd54NPYw40E13te2tiLYtbzrgHZ-Wmrw0>

assaltos, prostituição, superlotação das cadeias e de hospitais”. Não é difícil imaginar como seria um bairro, uma cidade ou um país tomado por um número considerável de dependentes dessa droga. É imprescindível conhecer o problema, com dados e estatísticas, para que se possam criar estratégias de ação que se contenha a expansão epidêmica.

O crack

“... Criei meu filho numa redoma de vidro, era o meu bebê. Tinha esperado muito pela chegada dele. Sempre foi um menino incrível. A família toda tinha orgulho, ele era referência até entre tios e primos porque sempre foi muito inteligente e cedinho já começou a ganhar o dinheiro dele trabalhando com computador. Doi saber que hoje ele não é mais exemplo pra ninguém e que aquele menino lindo e responsável não existe mais.” (Depoimento de uma mãe de usuário de crack, participante de grupo de apoio para codependentes)

No Brasil a pedra, formada por pasta base de cocaína mais bicarbonato de sódio, começou a ser encontrada no início da década de 90, pelo menos dez anos depois dos Estados Unidos. A sensação de prazer imediata, o baixo risco de contaminação por HIV, que na época assustava, e o baixo custo (Kessler & Pechansky, 2008; Romanini & Roso, 2012a) facilitou a popularização da droga conhecida pelo alto poder de destruição.

O subproduto da cocaína é ainda mais potente que a droga primeira e o fato de ser fumado faz com que os efeitos sejam sentidos mais rapidamente e de maneira mais intensa. Segundo Figlie, Bordin e Laranjeira (2010, p.79) “Quanto mais rápido e maior o início e a duração dos efeitos, maior é a probabilidade de dependência”.

3.2 Intervenções Sociais: Breve explicação sobre políticas públicas e ações combativas

Um dos maiores estigmas do diagnóstico de dependência química está na impossibilidade de “cura” ou mesmo na dificuldade em lidar com os pacientes. Entender a doença e suas características é essencial para que o profissional diminua frustrações e aumente as expectativas dos pacientes e familiares acerca do tratamento, como sugerem Zanelatto e Laranjeira (2012).

No Brasil as políticas públicas, tanto preventivas quanto combativas, ainda estão distantes da eficácia desejada. O exemplo mais atual e marcante desse embate, que o estado tem travado

contra os dependentes- porque a impressão que se tem é que não se combate a droga e sim o adicto-, com destaque para os usuários de crack, foi o praticado na cracolândia do centro de São Paulo, considerado um dos maiores espaços abertos de consumo de drogas em todo o mundo¹¹ e que já dura 24 anos. Centenas de pessoas ainda ocupam algumas ruas do centro daquela cidade, abandonados à própria sorte, pensando no que fazer para conseguir a próxima pedra. Situação que fugiu do controle e que as autoridades tentam resolver, até agora sem sucesso.

Em um ação realizada no ano de 2017, que durou pelo menos três meses e utilizou a força da guarda civil metropolitana com balas de borracha e bombas de efeito moral, centenas de pessoas foram presas e outras tantas encaminhadas a tratamentos em hospitais e em comunidades terapêuticas, na grande maioria dos casos, sem êxito.

Uma matéria da BBC Brasil, de junho de 2017, debate esse tipo de ação interventiva na cracolândia trazendo a opinião de juristas, médicos, assistentes sociais e políticos. Fica claro que não há consenso sobre o que deve ser feito com os dependentes usuários de crack, maioria naquele local, e que as práticas se baseiam em tentativa e erro, apesar de um ponto ser comum a todos. “É consenso entre os especialistas ouvidos que o sucesso na luta contra o crack só é possível se a pessoa passar a preencher seu tempo livre com trabalho e afeto de amigos e familiares, além de ter um lugar garantido para voltar e dormir”, pontua Felipe Souza, na matéria produzida pela BBC Brasil em São Paulo¹². Na ocasião houve críticas por parte de conselhos de psicologia de vários estados do país que entenderam essas ações como equivocadas.

Na contramão desse discurso está a criminalização do usuário que só aumenta a distância no acesso ao tratamento. Brites (2006) faz colocações pertinentes nesse sentido. “Em nome de um poder sobre-humano, que a droga não tem, a resposta social tem sido a criminalização; que nega qualquer possibilidade democrática de construção de respostas, sociais e de saúde, pautada nos direitos humanos e de cidadania” (BRITES, 2006, p.47)

Interessante trazer também a questão dos dependentes de crack que não vivem em situação de rua, ou ainda aqueles que abandonaram as casas e os familiares por conta do vício, ou seja, fizeram o caminho contrário. Será que nesses casos os usuários seriam movidos pelo mesmo tipo de incentivo? Talvez nesse caso a abordagem precise ser outra além do carinho e apoio dos amigos

¹¹ <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fim-da-cracolandia-o-que-especialistas-governo-e-prefeitura-apontam-como-solucao-para-a-feira-de-drogas-em-sp.ghtml>

¹²<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40115560>

e familiares, sempre necessário nesse tipo de tratamento. Existe, nesse sentido um discussão que gira em torno do que vem primeiro, o vício do crack ou a situação de rua? Mas não é interesse do projeto adentrar nessa questão.

Eis algumas das políticas aplicadas no país nos últimos anos: Plano Emergencial de Acesso ao Tratamento e Prevenção a Álcool e outras Drogas (PEAD) em 2009; Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas (PIECK) em 2010 e Crack, é possível vencer! de 2011, quando foram regulamentadas ações de Redução de Danos associadas ao consumo de substâncias psicoativas, de responsabilidade dos profissionais da Rede de Atenção Psicossocial, que trabalham tanto com pessoas que sofrem com transtornos mentais como também os que abusam do uso de drogas e álcool.

Vale pontuar o que diz a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), formada pela Diretoria de Gestão de Ativos (DGA) e pela Diretoria de Políticas Públicas e Articulação Institucional (DPPA), no artigo 20 do Anexo I do Decreto nº 9.662, de 1º de janeiro de 2019:

- I - assessorar e assistir o Ministro de Estado quanto às políticas sobre drogas relacionadas com a redução da oferta e a repressão da produção não autorizada e do tráfico ilícito de drogas;
- II - supervisionar e articular as atividades de capacitação e treinamento no âmbito de suas competências;
- III - subsidiar e supervisionar, de acordo com a Política Nacional sobre Drogas e no âmbito de suas competências, as atividades relativas à definição, à elaboração, ao planejamento, ao acompanhamento, à avaliação e à atualização das políticas públicas sobre drogas;
- IV - gerir o Fundo Nacional Antidrogas e fiscalizar a aplicação dos recursos repassados pelo Fundo aos órgãos e às entidades conveniados, exceto se transferidos a outros Ministérios, hipótese em que serão fiscalizados pela respectiva Pasta, que será a responsável pela prestação de contas junto aos órgãos de controle;
- V - firmar contratos, convênios, acordos, ajustes e instrumentos congêneres com entes federativos, entidades, instituições e organismos nacionais e propor acordos internacionais, no âmbito de suas competências;
- VI - indicar bens apreendidos e não alienados em caráter cautelar, a serem colocados sob custódia de autoridade ou de órgão competente para desenvolver ações de redução da demanda e da oferta de drogas, para uso em tais ações ou em apoio a elas;

VII - desempenhar as atividades de secretaria-executiva do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas;

VIII - analisar e propor atualização da legislação pertinente a sua área de atuação;

IX - executar ações relativas à gestão de ativos no âmbito da Política Nacional sobre Drogas e aos programas federais de políticas sobre drogas; e

X - organizar informações, acompanhar fóruns internacionais e promover atividades de cooperação técnica, científica, tecnológica e financeira com outros países e organismos internacionais, mecanismos de integração regional e sub-regional que tratem de políticas sobre drogas na sua área de atuação;

XI - promover a construção do conhecimento sobre drogas no País, estimulando estudos, pesquisas e avaliações sobre violência, aspectos socioeconômicos e culturais, e ações de redução de oferta.

Percebe-se que não há destaque para o cuidado e à atenção ao usuário, principalmente de substâncias ilícitas causadoras de grandes transtornos, como é o caso da droga objeto de estudo deste trabalho.

Outro ponto a ser observado é o que diz respeito ao fato de pessoas com quadro de uso nocivo e dependência de substâncias psicoativas estarem sob a Política Nacional de Saúde Mental, ação do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Saúde que organiza a assistência a pessoas com transtornos mentais, como esquizofrenia, depressão, ansiedade, entre outras.

Apesar de haver estudos que comprovem a relação entre o uso compulsivo de drogas e as doenças mentais, “na literatura atual ainda existem controvérsias quanto à origem da dependência química, assim como dos transtornos psiquiátricos associados”. (SCHEFFER; PASA; ALMEIDA, 2010, p. 539). Sendo, nesse aspecto, interessante que os cuidados aos dependentes químicos e doentes mentais pudessem ser feitos separadamente, de modo a tratar de maneira mais incisiva e assertiva cada um desses processos, já que o diagnóstico duplo não é uma regra.

Mais recentemente, no Diário Oficial da União de 5 de junho, foi publicado texto com aprovação de lei que autoriza a internação involuntária de dependentes químicos sem que haja necessidade de autorização judicial. A Lei n. 13.840 estabelece também que a internação involuntária só poderá ser feita em unidades de saúde e hospitais gerais; dependerá do aval de um médico responsável e terá prazo máximo de 90 dias, tempo considerado necessário à desintoxicação; seja solicitada pela família ou pelo responsável legal e não havendo nenhum dos

dois, o pedido pode ser feito por um servidor da área da saúde, assistência social ou de órgãos integrantes do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Sisnad), exceto da segurança pública. (2019, G1).

O que se percebe dentro da atual conjuntura política nacional de combate às drogas é a manutenção do tradicional modo proibicionista-punitivo que desconsidera a redução de danos e impõe a abstinência total. Um retrocesso, visto a importância desse tipo de política, defendida inclusive por juristas como Ribeiro (2013), Doutor e Mestre em Direito Penal e Criminologia pela USP, defensor da ideia de “que se o cidadão usa drogas, ao menos que o faça com os menores danos possíveis à sua saúde, física e mental, à sua vida de relação, família, trabalho, sociedade etc. e, finalmente, à própria comunidade em que vive.” (RIBEIRO, 2013, p. 46)

Política de Redução de Danos

O documentário Hotel Laide¹³ -gravado na cracolândia em São Paulo- dirigido por Débora Diniz, mostra em quase 24 minutos de filme a importância da política de redução de danos e de como o assistencialismo pode interferir de maneira positiva na vida e no processo de reabilitação do dependente de crack, oferecendo o mínimo de dignidade para quem está em situação de vulnerabilidade, como é o caso dos usuários em situação de rua. Vale salientar que a Política de Redução de Danos, segundo Laranjeira e Duailibi (2007), tem por objetivo, como o próprio nome sugere, reduzir danos causados pelo uso abusivo de álcool e outras drogas já que acredita-se ser utópica a possibilidade de uma sociedade livre dessas substâncias.

No Brasil, diferente do que acontece em países da Europa à exemplo de Portugal e da Holanda, a Política de Redução de Danos (PRD) enfrenta certa resistência e até preconceito tanto por parte da população quanto pela própria comunidade científica, mas antes de lamentar é importante abordar em que essa política consiste.

No mundo, a PRD surgiu depois da primeira guerra mundial, na Inglaterra, quando os combatentes lutavam, naquele momento, contra a abstinência em consequência do vício em opióides adquirido no front, principalmente em decorrência do uso da morfina. Nesse período, médicos ingleses passaram a administrar ópio para os ex-combatentes como forma de minimizar

¹³ Para assistir Hotel Laide acesse <https://www.youtube.com/watch?v=05ZEhEEINwY>

esses sintomas¹⁴. Mas a redução caiu no ostracismo só voltando a ser debatida nos anos 80, quando doenças sexualmente transmissíveis, a exemplo da AIDS e das Hepatites, começaram a crescer entre os usuários de drogas injetáveis passando a preocupar as autoridades. No Brasil foi uma ação do Ministério da Saúde, através de uma campanha de prevenção do HIV, que deu início à prática de RD.

Especialistas dividem-se entre os que defendem a abstinência total e os que acreditam na substituição de drogas mais por menos ‘pesadas’ ou ainda pela redução gradativa do uso, como sugere a política de redução de danos, o que provavelmente dificulta a criação de prática de políticas efetivas nesse sentido. O discurso contra a RD é endossado por instituições religiosas, comunidades terapêuticas e, em certos aspectos, até pela própria justiça.

É preciso, pois, não perder de vista que a partilha moral entre drogas de uso lícito e drogas de uso ilícito é contemporânea da invasão farmacêutica, tendo sido num mesmo movimento que se incrementou o desenvolvimento de fármacos e que se penalizou o emprego das demais drogas. Por isso é preciso se precaver contra a naturalização da distinção entre drogas e fármacos – pois os fármacos também são, todos eles, drogas. (Labate; Goulart; Fiore; MacRae; Carneiro, 2008, pág. 55)

É oportuno trazer a sensata colocação sobre o tema, apontada no livro Saúde Mental e Dependência Química: políticas de cuidado e inclusão social que considera “impraticável nortear a assistência não tendo como guia uma política uma visão ampla do processo de cuidado”. (MACIEL; DIAS; PEREIRA, 2018 P. 152)“... Torna-se impossível conceber mudanças éticas comente a partir do “cuidado” mergulhado em um contexto de políticas repressivas, que fazem apologia à guerra, à adulteração e ao crime nos territórios onde se dão a produção a circulação, o comércio e o uso das substâncias.”

Se o próprio ‘desmame’, realizado com pessoas que fazem tratamento medicamentoso, orienta para a redução gradativa do uso dessas substâncias até que se chegue à abstinência total, porque não pensar e entender que essa mesma prática pode ser benéfica no caso de uso e abuso de drogas ilícitas? Seja com a intenção de minimizar riscos ou ainda de, aos poucos, abandonar o vício é importante levar em consideração o que preconiza a PRD com todas as suas orientações e possibilidades.

¹⁴ Ver mais informações no link <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/081912980-conceito-de-reducao-de-danos-surgiu-apos-a-primeira-guerra-mundial.shtml>

3.3. O tema na Paraíba: dados e ações combativas à nível local

Tratar sobre o tema no estado não é tarefa fácil. Poucos são os trabalhos consequentemente os dados sobre uso, dependência e tratamento do usuário de crack na Paraíba. Também não há um mapeamento das áreas mais afetadas pela droga ou ainda o impacto causado pela mesma. Também não é intenção dessa pesquisa aprofundar o tema neste sentido, já que há um interesse em ajudar dependentes e codependentes do crack, independente de quantitativos, muito embora de acordo com dados apresentados anteriormente constata-se sim que há crescimento no número de usuários em todo o país e é provável que na Paraíba não seja diferente..

As informações contidas nesse tópico do relatório foram fornecidas pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), na Gerência Executiva de Atenção à Saúde, Gerência Operacional de Ações Estratégicas e Especiais da Coordenação Estadual de Saúde Mental. De acordo com os dados, a assistência aos usuários de drogas e álcool é regionalizada e conta com o suporte da Unidade de Saúde da Família, Núcleo de Apoio à Saúde da Família, SAMU, além dos serviços específicos da Rede de Atenção Psicossocial que fazem parte da estratégia do Governo Federal desde o surgimento da Lei 10.216/2001, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica, que passou a implementar programas com foco no indivíduo e na sua singularidade. Alguns desses programas são trabalhados na Paraíba, abaixo está a lista de quais e como acontecem os atendimentos.

Consultório de Rua: O programa faz atendimento itinerante, com moradores em situação de rua, nas cidades de João Pessoa e Campina Grande e quando necessário são encaminhados as Unidade Básica de Saúde (UBS). Dados do primeiro semestre de 2014, quando mil usuários estavam sendo acompanhados nos dois municípios, dão conta de que 15%, eram usuários de crack.

Caps AD e AD III: oferecem atendimento à população com acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Os CAPS também atendem aos usuários em seus momentos de crise, podendo oferecer acolhimento noturno por um período curto de dias (AD III).

Cabedelo, Cajazeiras, Campina Grande, Guarabira, Patos e Sousa, atenderam e acompanharam juntos cerca 2000 usuários no Caps AD de janeiro a julho de 2018. João Pessoa, Campina Grande, Mamanguape, Pombal, Piancó, Princesa Isabel e Sapé, que dispõem de CAPS AD III- 24h atenderam e acompanharam juntos mais de 2500 usuários no mesmo período. Destacando que em João Pessoa, há dois destes serviços funcionando 24h, um de gestão estadual e outro municipal.

... “Quando descobri que meu filho era usuário de crack e o convenci a se tratar começou minha *via crucis* atrás de um lugar que pudesse me ajudar. Tive que ir clínica em clínica, a maioria fora do estado, pra saber qual era a que eu podia pagar...” (Depoimento de mãe de um dependente químico em recuperação)

Não é incomum ouvir esse tipo de depoimento. Quem convive de alguma maneira com um codependente ou quem lida diretamente com um adicto que necessita de internação, por vezes já se deparou com questionamentos sobre como proceder e isso acontece quando não é possível realizar o acompanhamento através dos programas supracitados. Não há um dado oficial sobre o número de clínicas e comunidades terapêuticas no estado, mas o empirismo e a vivência com o tema apontam para o aumento na quantidade desses espaços que na maioria das vezes cobram pelo serviço, fazendo com que as famílias menos favorecidas financeiramente encontrem dificuldade para conseguir a internação.

Os que não conseguem, ou por razões particulares não querem aderir a qualquer modelo de tratamento, a dependência crônica do crack acaba por encaminhar esses indivíduos para as cracolândias. Segundo Silvana Maciel, especialista em saúde mental e dependência química, já citada neste trabalho, é possível que nos dias atuais todas as cidades brasileiras tenham pelo menos uma cracolândia por menor e mais discreta que seja.

CAPÍTULO 4. Principais estudos científicos sobre o tema

4.1 Representações Sociais de Dependentes Químicos Acerca do Crack, do usuário de Drogas e do Tratamento

A dissertação de mestrado de MELO¹⁵ (2013) nomeada *Representações Sociais de Dependentes Químicos Acerca do Crack, do Usuário de Drogas e do Tratamento* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social- Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental e Dependência Química- como o título sugere, traz uma análise acerca das representações sociais do usuário de crack. A discente trabalhou com uma amostra de 30 usuários de crack do sexo masculino com mais de 18 anos, com renda, grau de escolaridade e estado civil variados e que se encontravam

¹⁵Para acessar todo o trabalho <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7113/1/arquivototal.pdf>

em tratamento, onde chegou-se à conclusão de que esses dependentes foram tidos como “alguém não confiável, viciado, sem valor, doente, que não tem caráter e que é responsável pela destruição da família”. (MELO, 2013, pág. 6)

O fato de possuir alto poder de destruição, tanto em relação ao usuário quanto ao seu entorno, favorece o que a autora chama de ‘abordagem alarmista’ a respeito do tema. Melo (2013) traz à tona também a política de redução de danos como sendo uma possibilidade dentro de um contexto de escravidão que o crack produz. A pesquisa concluiu que a percepção da sociedade à despeito do usuário de crack afeta a autoimagem, a autoestima, bem como a capacidade de enfrentamento que esses adictos precisam ter para se livrarem do vício.

O estudo sugere a mudança dessas representações sociais negativas como também a compreensão de que o usuário de droga precisa ser tratado como um cidadão, com direitos e deveres como qualquer outro. A pesquisa produzida durante tese de mestrado no curso de psicologia, apontou quão importante é para o usuário de crack a autoconfiança bem como a confiança dos codependentes em relação à seu processo de recuperação.

4.2 A Cracolândia Muito Além do Crack

A dissertação de mestrado intitulada *A Cracolândia Muito Além do Crack*¹⁶, de Arruda (2014), apresentado ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, traz uma abordagem do sujeito social presente na cracolândia do bairro da Luz, centro da maior cidade brasileira. O estudo traz à tona as questões sociais excludentes inerentes ao sistema capitalista, que por vezes coloca os cidadãos e cidadãs em situação de miséria e conseqüente vulnerabilidade. A cracolândia, nesse sentido, passa a ser lugar comum e de acolhimento sendo o uso de drogas ilícitas, a exemplo do crack, colocados em segundo plano de acordo com os resultados apresentados.

O especialista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que faz parte do grupo de pesquisa ‘Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: Bases para Intervenção em Saúde Coletiva’, concluiu que o problema da miséria na cracolândia paulista não se deu por conta

¹⁶ Para acessar todo o trabalho <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-06112014-130632/pt-br.php>

do consumo da droga em si, mas por culpa de um contexto social favorável, sendo a questão social mais relevante que a dependência química.

Precarização da educação e falta de oportunidade no mercado de trabalho formal, além da falta de apoio das instituições sociais foram tópicos assinalados durante a pesquisa realizada na crackolândia. A pesquisa traz ainda a reflexão de que “as trajetórias de vidas dos sujeitos mostraram como a questão social é essencial para orientar o olhar sobre o fenômeno da crackolândia”. (ARRUDA, 2014, p.128)

4.3 Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários

O estudo intitulado *Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários*¹⁷ trata pontualmente sobre a fissura- apresentada como um forte impulso para utilizar uma substância- e apresenta, como consequência dessa fissura, o conceito de *binge*¹⁸ como sendo um padrão de consumo intenso, contínuo e repetitivo do uso de droga. São Três os tipos apresentados: a fissura decorrência da abstinência, a induzida que seria causada por fatores que o estudo chama de ambientais e emocionais e ainda a fissura causada pelo efeito do crack, o que o adicto sente quando está consumindo.

O estudo realizado em, 2007 e 2008, contou a participação de 20 homens e 20 mulheres, entre 18 e 50 anos, sendo quatro homens e cinco mulheres classificado como ex-usuários, ou seja, estavam a mais de seis meses sem fazer uso do crack. A intenção da pesquisa foi entender como a fissura é preponderante dentro do ciclo da dependência, tendo sido responsabilizada por “comportamentos de risco que comprometem a saúde do indivíduo e suas relações sociais” (CHAVES; SANCHEZ; RIBEIRO; NAPO, 2011, p. 1174).

A pesquisa, desenvolvida pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo, constatou ainda que alguns usuários de crack conseguem controlar a fissura- com estratégias de redução de danos (como o uso de maconha e de medicamentos) e buscando por satisfação em atividades corriqueiras como comer, estudar, namorar- e que sendo assim acabam tendo mais chances de

¹⁷ Para acessar todo o trabalho <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n6/2774.pdf>

¹⁸ O uso compulsivo ou exagerado foi denominado por alguns autores como ‘padrão binge de consumo’, expressão bastante utilizada em relação ao uso de álcool, e significa o uso ‘pesado’ de alguma substância.

reabilitação. A sugestão final é que as políticas públicas sobre o tema enfoquem as “questões sociais, ambientais e emocionais”.

4.4 As Mulheres no Fenômeno das Drogas: Representações Sociais de Usuárias de Crack

No contexto de dependência do crack se faz necessário apresentar uma dissertação intitulada *As Mulheres no Fenômeno das Drogas: Representações Sociais de Usuárias de Crack*¹⁹, resultante de pós-graduação em psicologia, que trata do abuso da droga por parte de mulheres. A pesquisa mostrou a dificuldade das usuárias da droga quando se trata de apoio por parte da família e da própria sociedade, que antes de oferecer qualquer tipo de suporte, aponta e culpa.

Chegou-se à conclusão de que “as mulheres usuárias de droga não configuram um grupo homogêneo”, (Medeiros, 2014) mas foi apresentado uma espécie de perfil, com características que vão de adultas jovens, solteiras, baixa escolaridade, baixa renda, mães ao baixo nível sócio-econômico. Traços que foram levados em consideração no estudo e que podem servir de orientação para políticas de prevenção para esse público.

A falta de espaços especializados para o tratamento e cuidados com essas mulheres também é apontado na pesquisa, que sugere um suporte mais específico, inclusive no que diz respeito à prevenção, entendendo a heterogeneidade e respeitando as características das usuárias dependentes de crack. O contexto de gênero é notadamente e necessariamente tratado no estudo, que chama à atenção para a vulnerabilidade do grupo,- que entre outras questões, corre riscos devido ao comportamento sexual utilizado como moeda de troca para o consumo da droga- que precisa ser compreendido em um contexto socialmente abrangente. A mulher, segundo a pesquisa, sente-se desmotivada a procurar e permanecer no tratamento contra a dependência, por vergonha e culpa. A maternidade, em contexto de dependência do crack, também é abordada, tendo em vista o drama que essas crianças mães precisam enfrentar. O trabalho sugere um olhar mais atento para esse público, que ainda é minoria, mas que tem crescido consideravelmente.

4.5 Da Pessoa que Recai à Pessoa que se Levanta: A Recursividade dos que Usam Crack

¹⁹ Para acessar todo o trabalho <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7563/2/arquivototal.pdf>

Um estudo interessante sobre a recaída, *Da Pessoa que Recai à Pessoa que se Levanta: A Recursividade dos que Usam Crack*²⁰, resultado de uma tese de doutorado defendido na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, traz uma análise importante desse processo, comum entre os abusadores de crack em fase final de tratamento da droga, através de pesquisa nos Centros de Atenção Psicossociais em álcool e outras drogas (Caps AD), nas Comunidades Terapêuticas e nas Clínicas Médicas. A pesquisa, feita com 120 entrevistados das capitais São Paulo e Recife, revelou o que a autora chamou de ‘três blocos de motivos’, sendo estes os ‘motivos associados às pessoas’ (MP)- o principal e maior causador de recaídas- os ‘motivos associados à droga’ (MD), e ainda os ‘motivos associados ao ambiente’ (MA).

Um dos principais pontos tratados na pesquisa diz respeito à ‘recursividade’, denominado como o “o movimento do reviver as experiências em nossas vidas, de modo parecido, mas nunca igual, o que implica em aprendizagens pessoais e singulares”. (Rameh-de-Albuquerque, 2017, p. 195) Ou seja, a “recaída” não caberia mais nesse contexto, até porque, segundo a pesquisa indica, o uso abusivo deve ser visto como parte da vida do ser humano e não contrário.

É primordial trazer outra questão, a de que as ‘recaídas’ passam a fazer parte do que a autora chama de ciclos, onde a possibilidade de melhora é pouco vislumbrada devido à padronização nos tratamentos, já que não se oferece a esse usuário novas e diferentes possibilidades de distanciamento da droga. O fato de grande parte dos tratamentos serem oferecidos por instituições religiosas e/ou filantrópicas é preocupante segundo a pesquisadora, que constatou que esses espaços apesar de suprirem as demandas que o estado não cobre, não têm conhecimento aprofundado (científico e técnico) sobre o tema. Por fim, resumidamente, entendeu-se que o amor e a emoção- por parte de quem cuida- provocam mudanças nos usuários de crack, sendo também responsáveis pela adesão ao tratamento.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), onde foram pesquisados os estudos citados acima, é possível encontrar inúmeros trabalhos sobre dependência química, abuso de crack e tantos outros temas que permeiam esse assunto. Mas é importante frisar que a maioria é oriunda das áreas da saúde e do comportamento. Psicologia, medicina, enfermagem, sociologia, não havendo quantidade representativa de estudos relacionados ao jornalismo, inclusive em relação à proposta feita pela presente pesquisa, que vai se valer do jornalismo digital e de serviço para produzir espaço digital, social, de ajuda mútua e pesquisa.

²⁰ Para acessar o trabalho completo file:///C:/Users/UIR%C3%81/Downloads/Tese_Rossan%20Rameh.pdf

Sobre as pesquisas selecionadas e apresentadas acima, a intenção foi trazer à tona o tema da dependência do crack, objeto de estudo deste mestrado, através de diferentes perspectivas, entendendo que são várias as necessidades que envolvem essa problemática para a partir daí produzir e oferecer um conteúdo, que tem no jornalismo (digital e de serviço) base de sustentação.

Trazer essas abordagens, bem como um breve resumos dessas teses e dissertações, foi importante para o entendimento da dependência do crack como um todo. Esse tipo de acesso fez compreender o quão abrangente é o assunto e como ele pode, e deve, ser trabalhado para além da relação indivíduo- dependência- consequências. Cada uma das pesquisas supracitadas promoveu um aspecto da doença e conseqüentemente fez refletir sobre a importância do indivíduo como um ser psíquico e social com todas as nuances que cabem nesse contexto. Arcabouço de conhecimento obtido através de pesquisas que tiveram o cuidado e o respeito que o assunto merece e que acrescentaram muito no trabalho em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste produto não poderia ter sido levada a efeito se não fosse a transdisciplinaridade envolvida. O campo jornalístico comunicativo está cada vez mais interdependente de outros, à exemplo da informática e no caso deste projeto em particular, também da área da saúde, podendo a sua realização ir além com o envolvimento de comunidades, influenciando políticas de estado de combate ao uso de drogas.

A pesquisa concluiu que o jornalismo, baseado no papel social que deve desempenhar e apoiado no gênero serviço, pode através dos recursos tecnológicos do digital e das conexões favorecidas pela rede mundial de computadores, ser usado de forma eficiente no que diz respeito à tentativa de minimizar problemas sociais importantes. Partindo desse pressuposto, a produção de um aplicativo com foco na ajuda a dependentes e codependentes de crack nasce da vontade de colaborar com a mudança dessa realidade, dando também suporte aos familiares que muitas vezes não sabem como lidar com a dependência dos entes.

É sabido também que o Hope possui certa limitação de alcance, tendo em vista que é preciso ter smartfone, munido de internet, para acessar o conteúdo da aplicação. Outro ponto que deve ser levado em consideração é o fato de que o dependente químico pode, eventualmente, se desfazer do

aparelho como meio de viabilizar o uso da droga. Dentro dessa possibilidade, a intenção do produto é também evitar que o dependente chegue a tal ponto.

Outra observação feita antes mesmo do início dessa pesquisa – e a posteriori constatada durante o curso das disciplinas- foi o fato de não haver espaço na mídia para o debate de temas como o da dependência química, com o uso de drogas ilícitas à exemplo da trabalhada nesse mestrado, o acaba por contribuir para a criação de ideias e conceitos muitas vezes deturpados sobre o assunto. “Prisão ou cemitério” talvez seja uma das frases mais populares divulgadas pelos meios de comunicação de massa que se encarregam, com esse tipo de afirmação, de reforçar estereótipos de fracasso e incapacidade. Lacuna preenchida com base no jornalismo ético e de serviço a ser prestado através de conteúdo informativo e positivo.

A rede social e a internet surgem como ferramentas essenciais em um processo de socorro que pretende ajudar sem expor, questão muitas vezes é levada em consideração na hora de um pedido de ajuda. A vergonha e o medo da exposição terdem força em um espaço onde a discrição e o anonimato são recursos possíveis.

Outro ponto que merece ser estudado de forma minuciosa, apesar de não interferir na construção do aplicativo, são os números do crack na Paraíba. Como não há dados detalhados sobre esses usuários, acaba se tornando difícil a construção de políticas voltadas para esse público. É necessário que a Paraíba conheça os seus dependentes e busque alternativas de prevenção e combate ao uso e abuso da droga, para dessa forma trabalhar de maneira eficiente e acertiva, uma vez que recursos como o Hope são insuficientes para sanar um problema de tamanha complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, DSM-IV - **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**.5 Edição. Porto Alegre: Artes Médicas.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N. **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: Icict; Fiocruz, 2014.

BEATTIE, Melody. **Codependência Nunca Mais**. Tradução Marília Braga. -1. Ed. - Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

BRITES, Cristina Maria. **Ética e o uso de drogas: uma contribuição da ontologia social para o campo da saúde pública e da redução de danos**. Tese (Doutorado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BUSTAMANTE, Javier. Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital In. SILVEIRA S. A. **Cidadania e Redes Digitais**. São Paulo: Maracá, 2011.

CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope: social movements in the internet age**. Politik: Wiley, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

DINES, Alberto. **O papel do Jornal: uma releitura**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1996.145p

LABATE, Beatriz Caiuby. **Drogas e cultura: novas perspectivas** /... [et al.], (orgs.) . - Salvador : EDUFBA, 2008. 440 p. : il.

drogas. In: KERR-CORREA, F.; MAXIMIANO, V. A. Z. (Org.). **Capacitação para comunidades terapêuticas: conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas**. Brasília, DF: SENAD, 2013.

DUAILIBI, S.; LARANJEIRA, R. Políticas públicas relacionadas às bebidas alcoólicas. **Revista de Saúde Pública**, v. 5, n. 41, p. 839-848, 2007.

FAUSTO NETO, A. **Fragments de uma analítica da mediatização**. Matrizes, n. 2, abril, 2008. Disponível em . Acesso em 13 jul. 2015.

FIGLIE, Neliana Buzi. Aconselhamento em dependência química/ Neliana Buzi Figlie, Selma FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamento da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

HURTADO, J. G., **Cocaine, The Legend- About Coca and Cocaine**. La Paz: International Coca Research Institute; 1995.

KESSLER, F., &PECHANSKY, F. (2008). Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 30(2), 96-98. doi: 10.1590/S0101-81082008000300003.

MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MAIA, R.C.M. (Coord.). **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**. São Paulo, Ática, 1986.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

OLIVEIRA, J. B.; KERR-CORREA, F. Os aspectos socioculturais do uso de crack, álcool e outras drogas. Bordin, Ronaldo Laranjeira. -2. Ed. - São Paulo: Roca, 2010.

PEDROSA, S. M. **O uso nocivo de crack: percepções de pessoas em tratamento da dependência**. 2016. 160 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SEIXAS, Lia. Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.. 1. ed. Covilhã: Labcom, 2009.

MARQUES DE MELO, José (Org.); Assis, Francisco de (Org.). Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2013.

RECUERO, Raquel. **Conversações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Saúde mental e dependência química: políticas de cuidado e inclusão social/ Silvana Carneiro Maciel, Camila Cristina Vasconcelos Dias, Camila de Alencar Pereira. - João Pessoa: Ideia, 2018.

SCHEFFER, Morgana; PASA, Graciela Gema; ALMEIDA, Rosa Maria Martins.
Psicologia: Teoria e Pesquisa Jul-Set 2010, Vol. 26 n. 3, pp. 533-541.

SILVA, Fernando Firmino da. Edição de imagem em jornalismo móvel. In FELLIPI, Ângela; SÓSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana (orgs.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008b

SILVA, Ilma Ribeiro. **Alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas**: Tratamento, prevenção e educação. São Paulo: Vetor, 2000.

Vaz, Tyciane Cronemberger Viana. Jornalismo de Serviço: o gênero utilitário na mídia impressa brasileira/ Tyciane Cronemberger Viana Vaz. 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. v.1, 2ª ed. Florianópolis/SC: Insular, 2005.

WARD, M. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2006.

WOLTON, Dominique. **Internet, e Depois?** Uma Teoria Crítica das Novas Mídias. Trad. Isabel Crossetti- Porto Alegre: Sulina. 2003.

ZANELATTO, Neide A. e LARANJEIRA, Ronaldo. **O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo- comportamentais- um guia para terapeuta.** Ano 2012. Artemed.

[1] <https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/defini.htm>

[2] https://www.who.int/substance_abuse/terminology/who_lexicon/en/

[3] https://www.who.int/substance_abuse/terminology/who_lexicon/en/

[4] Álcool e Outras Drogas./ Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. – São Paulo: CRPSP, 2011. Acesso em <http://crpsp.org/fotos/pdf-2015-10-02-17-16-04.pdf>

[5] <https://theintercept.com/2019/03/31/estudo-drogas-censura/?fbclid=IwAR1d8IWD rRHhVG8aLk7zlaEF1wyd54NPyw40E13te2tiLYtbzrgHZ-Wmrw0>

[6] <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fim-da-cracolandia-o-que-especialistas-governo-e-prefeitura-apontam-como-solucao-para-a-feira-de-drogas-em-sp.ghtml>

[7] <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40115560>

[8] Para assistir Hotel Laide acesse <https://www.youtube.com/watch?v=05ZEhEEINwY>

[9] Ver mais informações no link:

<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/08/1912980-conceito-de-reducao-de-danos-surgiu-apos-a-primeira-guerra-mundial.shtml>

[10] Para acessar todo o

trabalho: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7113/1/arquivototal.pdf>

[11] Para acessar todo o trabalho: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-06112014-130632/pt-br.php>

[12] Para acessar todo o trabalho: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n6/2774.pdf>

[13] O uso compulsivo ou exagerado foi denominado por alguns autores como ‘padrão binge de consumo’, expressão bastante utilizada em relação ao uso de álcool, e significa o uso ‘pesado’ de alguma substância.

[14] Para acessar todo o

trabalho: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7563/2/arquivototal.pdf>

[15] Para acessar o trabalho completo:

file:///C:/Users/UIR%C3%81/Downloads/Tese_Rossana%20Rameh.pdf

[16] [1] Sobre jornalismo em base de dados, interessante acessar

<file:///C:/Users/UIR%C3%81/Downloads/Suzana%20Barbosa.pdf>

[17] [2] Sobre a história do jornalismo na Web - PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. Manual de Jornalismo na Internet, in: http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm

[18] Depoimento de irmã de dependente químico que frequenta grupo de auto-ajuda

**EDITAL LAVID Nº 07/2019 - SELEÇÃO DE ESTAGIÁRIOS VOLUNTÁRIOS DO NÚCLEO
LAVID PARA O PROJETO DE HELP.**

O NPE/LAVID - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Aplicações de Vídeo Digital - LAVID, através do presente edital de convocação, torna pública a chamada de seleção para bolsistas no Projeto "HELP".

O projeto nasce atrelado a dados do IBGE de 2018 que destacam o alto número de usuários da internet, incluindo blogs e redes sociais, no Brasil. São 116 milhões de pessoas navegando na rede mundial de computadores. Outro número importante, fornecido pela Junta Internacional de Fiscalização a Entorpecentes (Jife), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), aponta que o Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial consumo de crack. Vale pontuar que para cada dependente químico, segundo estudo da Unifesp, existem outras quatro pessoas afetadas (codependentes).

Sendo assim, o presente projeto tem como objetivo formular um produto que utilizará o jornalismo de serviço e a tecnologia para oferecer informação precisa e relevante para dependentes e codependentes, através de site de informações e aplicativo, além do suporte de ajuda que facilitará a comunicação e criação de uma rede colaborativa.

Nessa primeira chamada, serão ofertadas **8 (oito) vagas para voluntários**, não havendo obrigatoriedade do preenchimento de todas as vagas oferecidas.

Esta seleção destina-se, mas não é restrita, a pesquisadores graduados ou pós-graduados, ou alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação (Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Matemática Computacional, Sistemas de Informação, Licenciatura em Computação, Mídias, Jornalismo e áreas afins.) da Universidade Federal da Paraíba. É importante mencionar que todos os candidatos deverão ter, pelo menos, 20 horas disponíveis para se dedicar às atividades do projeto.

Os perfis e requisitos para as vagas pleiteadas são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Perfis e requisitos exigidos para cada uma das vagas ofertadas.

PERFIL	NÚMERO DE VAGAS	REQUISITOS MÍNIMOS EXIGIDOS:
01 – Estagiário em Desenvolvimento Mobile	03	<ul style="list-style-type: none">• Graduando em Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Matemática Computacional, Sistemas de Informação, Licenciatura em Computação ou áreas afins;
02 - Estagiário em Desenvolvimento Web	03	<ul style="list-style-type: none">• Graduando em Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Matemática Computacional, Sistemas de Informação, Licenciatura em Computação ou áreas afins;
03 - Estagiário em Mídias Sociais	02	<ul style="list-style-type: none">• Graduando em Mídias, Jornalismo ou áreas afins

Interessados em se inscrever no processo seletivo deve enviar e-mail com cópia do Currículo Lattes para selecao-lavid@lavid.ufpb.br com o seguinte assunto: SELECAO LAVID/CBS. As inscrições estão abertas até o dia **08 de abril de 2019**.

ETAPAS DO PROCESSO SELETIVO:

O processo seletivo será dividido em duas fases e a avaliação se dará pelos coordenadores do projeto e pesquisadores do NPE/LAVID. Na primeira fase os currículos dos candidatos serão analisados e na segunda etapa será realizada uma fase de entrevistas. Após a seleção, a lista com os candidatos aprovados será divulgada na página do LAVID (www.lavid.ufpb.br).

Fase 1 - Análise de Currículo: **10 de abril de 2019**

Fase 2 - Período de Entrevistas: **12 de abril de 2019**.

Resultado Final - **15 de abril de 2019**.

**Coordenação do Núcleo de Pesquisa e Extensão LAVID
Professor Guido Lemos de Souza Filho**



OPORTUNIDADE DE ESTÁGIO NO LAVID

O Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital - LAVID, da UFPB, está com inscrições abertas para duas vagas de estágio. As vagas são destinadas aos cursos de graduação em Jornalismo, Radialismo e Mídias Digitais.

Os interessados devem enviar os seus currículos para o e-mail:
selecao-lavid@lavid.ufpb.br
até o dia 21 de agosto.



lavid

